

iscte

INSTITUTO
UNIVERSITÁRIO
DE LISBOA

Entre o Mar e a Terra - Costa da Caparica
O papel da arquitetura na dinamização social

Basir Ahmad Azami

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Professora Doutora Arquiteta Ana Gabriela Bastos Gonçalves,
Professora Auxiliar
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Entre o Mar e a Terra - Costa da Caparica
O papel da arquitetura na dinamização social

Basir Ahmad Azami

Mestrado Integrado em Arquitetura

Orientadora:

Professora Doutora Arquiteta Ana Gabriela Bastos Gonçalves,
Professora Auxiliar
ISCTE-IUL – Instituto Universitário de Lisboa

Outubro, 2021

ENTRE O MAR E A TERRA

O papel da arquitetura na dinamização social

Trabalho submetido como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em
Arquitetura

Basir Ahmad Azami

Outubro, 2021

Orientadora: Professora Doutora Arquiteta Ana Gabriela Bastos Gonçalves

ISCTE-IUL - Instituto Universitário de Lisboa

Departamento de Arquitetura e Urbanismo

Agradecimentos

A professora Gabriela Gonçalves pelo apoio, dedicação e paciência.

Aos amigos com quem partilhei este percurso.

A minha irmã pela sua disponibilidade e motivação nos momentos difíceis.

E especialmente aos meus pais pelo todo seu sacrifício e persistência para garantirem que eu pudesse chegar até aqui.

Obrigado

A Costa da Caparica é território de referência para aqueles que procuram Sol e Praia, sobretudo na época balnear, trazendo um enorme fluxo de pessoas a esta cidade. Contudo, esta enorme procura tem gerado alguma pressão urbana, e levando a cidade à exaustão na tentativa de responder ao impulso turístico.

Em consequência a vasta população residente tem-se deparado com as problemáticas decorrentes precisamente da sazonalidade. A Costa, num curto período de tempo, foi alvo de grandes intervenções, o que levou a soluções impulsivas que tentaram acomodar o fluxo turístico, mas que por sua vez não conseguiram responder, nem às necessidades do território nem às da população.

Atualmente a Costa apresenta-se com problemas quer ambientais quer sociais.

O desenvolvimento deste projeto visa estudar e identificar essas problemáticas, sobre as quais serão delineadas estratégias de intervenção para proposta de grupo. Posteriormente, será elaborado um projeto para um Centro Comunitário que promova a diversidade populacional, a identidade e cultura da Costa da Caparica.

A nível urbano o projeto pretende contrariar a falta de uma estrutura urbana, que se encontra fragmentada bem como, a falta de ligação entre os dois elementos mais importantes deste estudo, o Mar e a Terra.

Em termos sociais a proposta do Centro Comunitário pretende criar espaços de reunião e encontro para a população, espaços de relação direta com a paisagem local, de forma a explorar a ideia da arte e cultura como meio de integração e dinamização social.

Palavras-chave: Costa da Caparica, comunidade, integração, dinamização social, espaço cultural.

Costa da Caparica, a landmark territory for those seeking the Sun and the Beach, especially during the bathing season, brings a huge influx of people to this city. However, this huge demand has generated some urban pressure and led the city to exhaustion in an attempt to respond to the tourist impulse.

As a result, the vast resident population has encountered problems arising precisely from this seasonality. Costa, in a short period of time, was the subject of major interventions, which led to impulsive solutions that tried to accommodate the tourist flow, but in turn, failed to meet either the needs of the territory or and the population.

Currently Costa presents both environmental and social problems.

The development of this project aims to study and identify these problems, about which intervention strategies will be outlined for a group proposal. Subsequently, it will be a project for a community centre that promotes population diversity, the identity and the culture of Costa da Caparica.

At the urban level, the project aims to counter the lack of an urban structure, which is fragmented as well as, the lack of connection between the two most important elements of this study, the Sea, and the Cliff.

In social terms, the proposal of the community centre aims to create reunion and meeting spaces for the population, spaces indirect relationship with the local landscape, in order to explore the idea of art and culture as a means of integration and social dynamism.

Keywords: Costa da Caparica, community, integration, social dynamization, cultural space.

ÍNDICE DE CONTEÚDOS

Agradecimentos

Resumo | Abstract

Introdução 03

O Lugar 11

A Costa da Caparica enquanto origem

Diversidade e variedade populacional

Entre o Mar e a Terra - Estratégia de grupo

As Populações 33

Assentamentos Informais

Arte como dispositivo de dinamização social e urbana

O Projeto 55

Projetos de Referência

Centro Comunitário

Considerações Finais 77

Referências Bibliográficas 83

Índice de Figuras 87

Anexos 97



01. Árvores de areia, Luís Quinta, 2017.

Introdução

Tema
Objetivos
Metodologia
Projetos de Referência

A Costa da Caparica, em tempos uma vila piscatória, hoje revela uma grande diversidade cultural e populacional.

A presença humana nos areais da Costa da Caparica deveu-se essencialmente à particularidade dunar da Costa que determinou a fixação de comunidades piscatórias da Arte Xávega no início do século XVIII, nomeadamente companhias oriundas do norte e do sul do país, sobretudo da zona de Ílhavo e Olhão.

Contudo, a Costa não era apenas para a pesca ou agricultura, em 1925 foi considerada como estância balnear, começando assim uma nova fase do seu desenvolvimento. Tal trouxe consigo um novo tipo de ocupação, predominantemente sazonal e de carácter balnear, pois começaram a arrendar casas aos banhistas, muitos dos quais fugiam à vida atribulada da capital.

Em 1946, com o plano de urbanização de Faria da Costa o território expande-se, trazendo novas populações a fixarem-se na Costa. Para acomodar estas novas gentes foram construídos núcleos habitacionais, bem como desenvolvidos serviços que apoiassem tanto a população como os novos turistas.

A par de todas estas novas mudanças, a inauguração da Ponte 25 de Abril em 1966, teve um grande impacto neste contexto, já que permitiu acesso a um vasto território livre e a preços baixos.

No entretanto e também com o abandono das colónias portuguesas devido à guerra, verifica-se uma ocupação clandestina por parte dos cidadãos oriundos dessas ex-colónias, em

Introdução

determinadas zonas da Costa da Caparica, de onde surgem então os bairros informais.

Com este projeto procura-se promover a diversidade populacional presente na Costa da Caparica e contrariar a marginalização das populações imigrantes e possibilitar o convívio destas com os cidadãos de dentro e de fora da comunidade da Costa. Tenta-se ainda desenvolver um projeto que promova a integração das populações marginais no centro urbanizado da Costa, através da criação de programas de equipamentos sociais, onde a população possa reunir-se com intuito de quebrar barreiras de inclusão social dos habitantes com o resto da cidade.

Objetivos

O desenvolvimento deste estudo tem como objetivo analisar e perceber quais as atividades e espaços que possam estimular vivências urbanas, tendo em vista a realocação de uma comunidade para uma malha urbana já consolidada, e visando ainda a possibilidade desta se integrar e respeitar os diversos contextos sociais e urbanos em que se vai inserir. Consequentemente, propõe-se uma investigação centrada em intervenções sociais ou estruturas culturais sediadas em áreas urbanas de menor escala como a da Costa da Caparica, visando a dinamização social e urbana das mesmas.

Considerando como ponto de partida as reflexões acima transcritas, esta investigação propõe uma análise teórico-prática de como a arquitetura pode dinamizar um território urbano, integrando pessoas de várias etnias e estatutos sociais.

Metodologia

Numa primeira fase do trabalho, procedeu-se a uma investigação de enquadramento e levantamento de problemáticas urbanas sobre as quais foram delineadas estratégias de intervenção para proposta de grupo.

Com o propósito de pormenorizar o estudo da Costa da Caparica, dividiu-se a cidade em três parcelas: Mar, Cidade e Terra, de onde foram escolhidos os subtemas para uma investigação mais concreta.

Numa segunda fase, foi realizado um estudo dos assentamentos informais para compreender os diversos aspetos desta realidade urbana, o seu método de funcionamento e contexto social. Ainda nesta fase propôs-se trabalhar a forma como a arquitetura pode interferir nos assuntos sociais a fim de criar uma estratégia para a Costa da Caparica que possibilitasse o realojamento e inclusão urbana e social.

De seguida desenvolveu-se uma análise dos casos de estudo, crítica e interpretativa em relação ao tema da investigação, utilizando obras passíveis de comparação com os temas em análise e que serviram de exemplo para o trabalho individual realizado.

Os projetos escolhidos como referências ao projeto estão integrados em realidades urbanas com contextos sociais desfavorecidos e têm programas de cariz cultural (um centro cultural e artístico, uma igreja e centro social):

Projetos de Referência

Introdução

Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas (2014) – Menos é Mais + João Mendes Ribeiro

Um centro situado nas proximidades de Rabo de Peixe, conhecido pelo seu contexto social desfavorecido, onde existe uma tentativa de juntar as populações marginais com a produção de arte e cultura.

Igreja de Santo António e Centro Social de São Bartolomeu (2008) – João Luís Carrilho da Graça

Um edificado de cariz social situado numa área urbana de menor escala, como a da Costa da Caparica, com a intenção de compreender a escala, proporção, organização do programa e a relação desta com o tecido urbano.

Por último, tendo por base a reflexão escrita desenvolve-se um projeto de um centro comunitário na Costa da Caparica onde existe a vontade de juntar a população através das artes expressivas, como a música, artes plásticas e artes representativas, uma vez que estas são atividades transversais a todas as culturas.

O Lugar

Costa da Caparica enquanto origem
Diversidade e variedade populacional
Entre o Mar e a Terra - Estratégia de grupo

O Lugar



02. Partida para a pesca. Arte Xávega, autor desconhecido, década de 1930.

A Costa da Caparica enquanto origem

O desenvolvimento da Costa da Caparica esteve sempre ligado ao mar e aos seus recursos. As atividades aqui desenvolvidas são associadas à pesca e à agricultura, sendo que atualmente destaca-se sobretudo, como ponto de interesse turístico e balnear.

A Costa da Caparica, localizada na margem sul do rio Tejo, encontra-se limitada pelo mar e pela terra. No final do séc. XVII regista-se a fixação de uma pequena companhia de pescadores oriundos de Ílhavo e mais tarde de Olhão. Além da pesca, estas povoações dedicavam-se à agricultura nos terrenos no sopé da Arriba Fóssil, uma zona altamente fértil, sobretudo nos meses de inverno quando as condições da pesca eram desfavoráveis.

Em 1925, com a crescente procura pela praia, a Costa foi considerada estância turística, transformando-se num sítio ideal de *Praia e Sol*, pelos seus areais e temperatura da água, o que levou ao desenvolvimento de soluções urbanísticas na procura de um crescimento ordenado e controlado.

A primeira destas soluções, em 1930, foi a do arquiteto Cassiano Branco, com uma proposta utópica, pois este propôs a transformação da Caparica numa luxuosa estância balnear com grandes hotéis, casinos, restaurantes, recintos desportivos e um canal artificial, de complemento à praia.¹

A evolução da Costa da Caparica como núcleo urbano define-se principalmente por uma densificação da estrutura urbana desenhada por Faria da Costa no âmbito do Plano de Urbanização do Concelho de Almada² em 1946, inspirado no

1. Ver Anexo 2.
2. Ver Anexos 3 a 7.



03. Anúncio ao Hotel da Praia do Sol, 1934



04. Praia Atlântico. Pormenor da solução urbanista, Cassiano Branco, 1930.



05. Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Faria da Costa, 1947.

modelo de cidade jardim. Embora o plano apenas tenha sido parcialmente executado, acabou por estruturar o desenvolvimento da Costa da Caparica e tornou-se a base do actual núcleo urbano consolidado, pelo menos no que diz respeito à sua estrutura viária e espaços públicos.

Com o tempo, verificou-se uma ocupação desordenada dos territórios envolventes, que mostravam maior possibilidade para serem urbanizadas. Já em 1966 a inauguração da ponte sobre o Tejo foi determinante neste contexto, facilitando a ligação entre as duas margens, e possibilitando ainda o acesso a um amplo território desocupado a preços baixos. Este acesso levou a uma ocupação suburbana e dispersa dos territórios da Costa da Caparica.

Já em 2001, surge o Programa Polis, um programa de requalificação urbana e valorização ambiental a nível nacional, que procurou, novamente, a reorganização do território. Este, está dividido em sete planos de pormenor dos quais se concretizaram apenas dois, a saber o Plano de Pormenor do Parque Urbano e o Plano de Pormenor Praias Urbanas que resultou na remodelação do actual paredão, a requalificação do espaço público na frente praia e a criação de novas áreas de lazer.³

Embora a Costa da Caparica tenha sido objeto de vários estudos e planos urbanos, o aumento rápido da população e a sua sazonalidade, bem como o fato de não terem sido executados alguns dos planos ora previstos, fez com que a cidade crescesse de forma, desordenada e desconexa.

3. Ver Anexos 8 a 12.



06. IC20. Via-Rápida da Costa da Caparica, 1968.

O Lugar



07. A Praia do Sol. Alando a rede, Autor desconhecido, 1932.

Diversidade e variedade populacional

A Costa da Caparica foi ao longo dos tempos caracterizada pelos povos que ali residiam, inicialmente de uma forma sazonal, mas que mais tarde se viriam a fixar definitivamente.

A presença humana nos areais da Costa da Caparica começou pelo estabelecimento de comunidades de pescadores no início do séc. XVIII, por companhias oriundas do norte do país, da zona de Ílhavo e do Sul, de Olhão. Contudo seria só após o início do séc. XVIII que estes se viriam a fixar permanentemente.

Antes de mais consideraremos os motivos da sua fundação, ou seja, os motivos que levaram companhias de Arte Xávega a saírem dos seus territórios originais e deslocando-se para outros.

A realidade da geografia dunar da Caparica é propícia à prática da Arte Xávega, sendo esta é a principal razão, mas também sem um solo arenoso não seria provável a fixação dessas companhias, pois não seria possível pescar daquela forma. Da mesma maneira, é o estado das areias que determina a saída das companhias das suas localidades originais, sendo foi o assoreamento, fator que as obrigou a procurar novos centros de fixação.

A moda de “ir a banhos”, é possível dizer-se que teve início na Trafaria com o estabelecimento criado pela rainha D^a Amélia. A atividade de ir à praia começou a ser considerada como uma prática sazonal de caráter lúdico.

As primeiras fixações de residentes, ainda que sazonais, parecem ter sido originárias dos bairros populares de Lisboa.



08. As primitivas barracas dos pescadores.



09. Família de turista, Arlindo Pereira, década de 1900.

O Lugar



10. Casas dos banhistas, década de 1970.

Curiosamente estas fixações, acontecem de acordo com a comunidade de pescadores, imitando as suas construções e a sua forma de viver e, muito frequentemente, participando no ato da pesca, nomeadamente no alar das redes. Assim, juntamente com os palheiros originais vão aparecendo construções idênticas, mas com outros proprietários, agora não pescadores. Estas construções são precisamente as únicas deste tipo que prevalecem até aos dias de hoje.

Com o tempo, o território da Costa da Caparica foi sendo cada vez mais ocupado, sobretudo em termos de ocupação sazonal. De acordo com os dados dos Censos, pode afirmar-se que a partir dos anos 70 do século XX e até ao ano de 2000, as habitações sazonais prevaleceram no território, e só no início do século XXI é que a habitação residencial ganha maior relevância. Este fator pode ser explicado sobretudo pelo fenómeno da emigração.

Há que perceber que o tipo de residente neste território sofreu alterações. Apareceu um novo tipo, estes já não são os “banhistas” de antigamente, são residentes que veem o apelo da praia e que optaram pela Costa da Caparica pela vantagem que apresenta dentro da suburbanidade.

Nos últimos 60 anos ocorreram profundas alterações. Começando por uma comunidade de pescadores com alguns residentes sazonais, e muitos visitantes durante o verão, até a realidade social presente em que a comunidade verdadeiramente local é aquela que reside e trabalha na Costa.



11. A duna, a linha e as casas, Rita Rodrigues, 2020.

Diversidade e variedade populacional



12. Vivências. A praia, Sofia Silva, 2020.



13. Vivências, Rua dos Pescadores, Inês Maciel, 2020.



14. A cidade e a duna, Inês Maciel, 2020.

Este estudo parte de uma primeira reflexão das possibilidades de reestruturação da cidade, procurando formas de renovação e consolidação do território por meio de uma estratégia de intervenção elaborada pelo grupo de trabalho, que pretende a unificação da cidade, revitalização urbana e valorização ambiental.

Na Costa da Caparica os elementos naturais sofrem um processo de degradação, fruto da ação humana. O sistema dunar, as Terras da Costa e a Arriba Fóssil são objeto de erosão e utilização indevida, pelo que a questão da proteção e valorização ambiental revela-se de grande importância. A sua extensa frente marítima e as suas praias são sujeitas a uso intensivo na época balnear, que por sua vez desgasta a vegetação dunar, provocado pelo pisoteio, e a construção sobre as dunas (cujo acesso gera mais pisoteio). Da mesma forma, os bairros clandestinos,⁴ criados pelos assentamentos informais, ocupam terrenos agrícolas pertencentes à RAN.⁵

A problemática ambiental na Costa de Caparica, dada a sensibilidade das diversas áreas identificadas, exige um planeamento, que previna um desenvolvimento urbano descuidado. Além disto, sendo um território suburbano de grande crescimento nos últimos anos mostra algumas fragilidades de nível urbanístico, nomeadamente a falta de uma estrutura urbana, originando núcleos fragmentados e distantes que conseqüentemente levantam barreiras quer sociais quer urbanas. Além disso, também é possível constatar uma ca-

4. Habitações localizadas, nos terrenos na base da Arriba Fóssil, também conhecidas como o Bairro das Terras de Lelo Martins.

5. Reserva Agrícola Nacional.



15. Delimitação das parcelas de trabalho, 2021.

rência de equipamentos, insuficiências ao nível do espaço público e insuficiência de meios de transporte.

Com este plano, tentou-se valorizar a paisagem e os elementos naturais deste território, através da replantação da vegetação dunar, contenção da expansão urbana, e proteção do solo agrícola, estabelecendo um limite do construído. Na vertente urbanística, adicionalmente, tentou-se consolidar o tecido urbano através da criação e valorização do espaço público, reorganização da rede mobiliária e estabilização do perímetro urbano.

O plano estabelecido em grupo vem implementar um conjunto de intervenções mediante uma ideia de valorização e projeção cuidada perante as condições sociais, ambientais e do património arquitetónico local.

Com o propósito de pormenorizar mais as ações dividiu-se a cidade em três parcelas longitudinais de nascente para poente, parcela do Mar, Cidade e Terra respetivamente. A parcela do Mar é delimitada pelo Oceano Atlântico a nascente e pela Av. Humberto Delgado a poente. A parcela do Centro, situa-se entre o limite poente da parcela do Mar e pelo eixo da Av. Afonso Albuquerque/Av. Dr. Aresta Branco/Av. Dom Sebastião/Estrada florestal e finalmente a parcela Terra, localizada mais a poente, começa a partir do eixo da Av. Afonso Albuquerque e engloba os campos agrícolas e a Arriba Fóssil.

Mar

A Parcela do mar é a zona de frente às praias da Costa de Caparica. Uma vez que se trata de uma área de caráter balnear,

foca-se mais nos assuntos da proteção do natural, especificamente das dunas, bem como apoios de praia e pesca.

A situação de pré-existência é de uma zona de duna primária muito desgastada, e os limites da zona edificada e urbanizada do núcleo urbano da Caparica aproximam-se do mar. Mais a sul esta duna é ocupada pelos parques de campismo assim como parques de estacionamento, alguns improvisados e outros minimamente programados.



16. Parques de campismos Costa da Caparica, 2001.

Perante este cenário a proposta tem como objetivo a estabilização e fortalecimento do sistema dunar. Com esta estratégia pretende-se também a alteração do sistema de acesso às praias. Os espaços entre as dunas ficam reservados aos parques de estacionamento e a massa de edificado, de campismo, é recuada da orla costeira, e substituída por paisagem dunar. Os próprios parques de campismo também são alvo de intervenção. A necessidade de redesenhar os mesmos advém da sua vasta área e da sua densidade. Por tal, propõe-se a otimização e transformação dos parques de campismo. Assim passaria a existir dois tipos de campismo, um de bungalows, com construções leves e modulares e como tal menos nocivos ao sistema dunar e outro de tenda, em áreas densamente arborizadas.

A linha do Transpraia⁶ também será intervencionada, uma vez que se trata de algo de grande valor patrimonial e de forte memória. Atualmente opera desde a Fonte da Telha até a praia nova, ligando apenas as praias a sul. Propõe-se então, o

6. Transpraia é um comboio lúdico que faz a ligação entre as praias da Costa da Caparica à Fonte da Telha, tendo criado o primeiro trajeto a algumas das praias mais distantes para os imensos banhistas da altura.

prolongamento do mesmo até à Trafaria, passando pela Cova do Vapor, tornando assim o Transpraia no principal trajeto que acompanha toda a linha de costa, fazendo a ligação a todas as praias da Costa da Caparica e Trafaria.

Quando falamos sobre o mar, a memória do território é muito importante nesta análise. Desta forma não podemos esquecer o papel da pesca no desenvolvimento da Costa. Atualmente não existe um espaço digno para a preservação desta memória e para tal propõem-se melhorias na Lota do Peixe, criando um pólo piscatório. Para o efeito, a construção de apoios de pesca, uma área de venda e a criação de uma rampa de acesso para as embarcações nas praias. Nesta zona também será desenvolvido um espaço museológico dedicado à preservação da história dos pescadores e da arte xávega.

Cidade

A parcela cidade abrange toda área do centro histórico da Costa da Caparica. Nesta parcela focou-se mais na reestruturação urbana para reforço e valorização do espaço público.

O principal objetivo imposto para o redesenho do espaço público foi o de valorizar a vida do peão e como este se movimenta na cidade. Assim, expandiu-se o centro para sul aproveitando a reestruturação do bairro do Campo da Bola.

A solução apresentada retira e reduz parcialmente o trânsito automóvel do centro, tanto da Av. Afonso de Albuquerque, como na Av. da República/Av. Movimento das Forças Armadas, estas duas de forte ligação à Praça da Liberdade, para onde este novo eixo pedonal seria direcionado. A reabilita-



17. Transpraia, 1960.



18. Contrastes, Rodrigo Silvestre, 2020.

ção e reutilização dos vários centros comerciais, muitos deles abandonados ou pouco utilizados, vem enfatizar esta ideia, pois valoriza o espaço público junto das mesmas, criando assim, uma rede de espaços públicos ligados ao comércio.

Esta intervenção vem estabelecer o novo limite sul do núcleo urbano consolidado da Costa da Caparica, criando uma transição entre o consolidado e a zona de praias. A realocação do campo de jogos, atualmente no bairro do Campo da Bola, para junto do parque de campismo reforça a ideia do fim da cidade consolidada. Assim, nesta área libertada serão introduzidos equipamentos dinamizadores para o bairro, como o novo mercado, e para apoio aos moradores, um ATL e associação de moradores. Desta forma, a implantação do novo mercado bem como a centralidade imposta no bairro do campo da bola, passa por criar diferentes espaços de forma a permitirem uma vida na cidade com diferentes atividades. A distribuição, dos equipamentos públicos, aliado à diversidade de funções presentes nos espaços exteriores leva a que se expanda o centro urbano e promova uma maior utilização dos espaços circundantes.

Terra

Parcela terra trata do núcleo urbano a poente do eixo central da cidade, área expectante no enfiamento da IC20 e abrange os campos agrícolas e a Arriba Fóssil.

Nesta parcela encontra-se a zona urbana menos consolidada da Costa da Caparica, pois a cidade tem-se expandido incontavelmente, através do consumo de solo agrícola pertencente à RAN.

Como tal, tenta-se estabelecer um limite de crescimento da cidade através de uma via periférica de acesso às praias a sul, a Av. Lelo Martins.⁷

A criação da Av. Lelo Martins justifica-se com o objetivo de restringir o trânsito automóvel ao centro da Costa da Caparica. Esta nova via fará o escoamento da afluência para as praias a sul, na época balnear, prevenindo problemas de circulação e degradação urbana dentro do núcleo urbano consolidado da Costa da Caparica. A avenida seria acompanhada por um percurso pedonal⁸ e de uma vala de drenagem, impondo ainda mais esse limite entre a cidade e o campo e ao mesmo tempo estabelece a transição, quer urbana quer natural. A vala em dois momentos recua para os campos agrícolas criando pequenas “bolsas” de espaço público, que poderá ser utilizado para o Mercado das Terras da Costa.⁹ Estas bolsas são um momento de encontro entre o campo e a cidade, tendo como cenário a Arriba Fóssil.¹⁰ Desta forma tenta-se romper com as fronteiras e os limites impostos pela dualidade campo - cidade e tornando esta zona num território integrante da população e da natureza.

As Torres das Argolas, um dos principais pontos verticais da cidade, também são alvo de intervenção. De modo a valorizar o espaço público foi repensado a forma como estas assentam no chão. Inspirando-se nas Torres de São João, co-

7. Designação de Lelo Martins foi encontrada pelo grupo. O nome refere-se ao bairro Lelo Martins que correspondia a um conjunto de apropriações de terrenos protegidos da RAN que o grupo propõe realojar.

8. Ver Anexo 13.

9. Mercado de produtos hortícolas das Terras da Costa, que atualmente só se realiza mensalmente.

10. Ver Anexos 14 e 15.

nhecidas pelo seu tom vermelho que se destacam no meio do verde, a envolvente será transformada em espaço público verde, em substituição do estacionamento que atualmente ocupa a zona. Também se reforçou a permeabilidade no embasamento das torres criando atravessamentos.¹¹

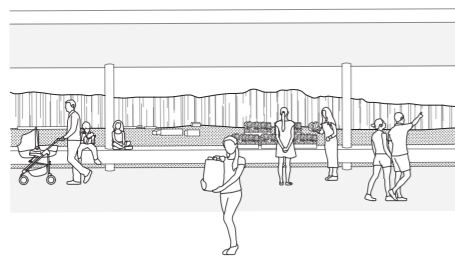
Da mesma maneira, tenta-se aproximar o campo e a cidade, com a extensão dos eixos transversais, que percorrem desde o mar, furando os campos agrícolas até culminar em pontos elevatórios ou trilhos que dão acesso ao cimo da arriba, onde serão desenvolvidos programas culturais e percursos lúdicos.¹²

Igualmente estabeleceu-se como prioridade a resolução do problema das portas da cidade. O principal acesso é a via IC20 que chega à Costa da Caparica, rasgando a Arriba Fóssil. O último troço do IC20 culmina num vazio expectante no centro da cidade, nunca perdendo o seu caráter de via rápida. Atualmente este local gera uma rutura na cidade, neste caso entre o Santo António e a zona sul. Esta intervenção visa unir as duas margens do IC20, quebrando a transversalidade do território com eixos longitudinais.¹³ Nesta zona pretende-se implantar a estação Intermodal onde se vão agregar todos os meios de transporte de acesso à Costa da Caparica. Prolongada desde o pólo universitário do Monte da Caparica, a nova estação terminal do metro de superfície, permite também a realocação do terminal rodoviário.

11. Ver Anexos 16 a 20.

12. Ver Anexos 22 e 23.

13. Ver Anexo 21.



19. Ponto de Venda.



20. Torres das Argolas, Fotografia do autor, 2020.



21. IC 20. Estrada que liga a Costa da Caparica à Ponte sobre o Tejo, Arthur Bastos.



1. Requalificação da Bateria de Alpena, Sofia Silva;
2. Recuperação das dunas e vegetação dunar;
3. Reabilitação dos bares de praia;
4. Expansão do Cemitério e Novo Crematório, Rodrigo Silvestre;
5. Complexo Turístico da Costa d'Ouro, Marco Cardoso;
6. Novo Terminal Intermodal da Costa da Caparica, João Parcelas;
7. Requalificação do Mercado da Costa da Caparica;
8. Centro de Saúde Hospitalar;
- 9 e 15. Bolsas de Venda;
10. Relocalização dos Bombeiros Voluntários, Carlota Claro;
11. Redesenho do Largo das Tábuas;
12. Nova Praça da Igreja;
13. Lar de Idosos;
14. Redesenho do embasamento da Torre das Argolas e do antigo Terminal Rodoviário;
16. Espaço Museológico e de Investigação da Arriba, Mariana Raposo;
17. Centro Comunitário, Basir Azami;
18. Nova Lota de Pesca, Margarida Bessa;
19. Novo Mercado da Costa da Caparica;
20. Habitação para realojamento do Bairro das Terras do Lelo Martins, Camila Aboim;
21. Redesenho do Bairro do Campo da Bola;
22. Redesenho da dunas à frente do Bairro do Campo da Bola;
23. Novas instalações do Clube Desportivo dos Pescadores da Costa da Caparica, Rita Rodrigues;
24. Habitação permanente para as famílias residentes nos campismos;
25. Extensão da linha do Transpraia;
26. Novo Parque de Campismo, Carolina Alves;
27. Redesenho dos estacionamentos.

As Populações

As Populações



23. O bairro das Terras do Lelo, entre a arriba fóssil e a muralha imobiliária, Valter Vinagre, 2013.

Assentamentos Informais

A ocupação territorial da Costa da Caparica teve na sua origem o assentamento de pescadores, provenientes de diversas zonas do país, que se foram fixando nestes terrenos arenosos, gerando um primeiro núcleo. Este primeiro núcleo surge nos finais do séc. XVIII, e caracteriza-se pelas suas condições precárias, onde estas barracas, eram na sua maioria constituídas por uma estrutura de madeira com uma cobertura de colmo ou tulco. Com o evoluir dos tempos, estes núcleos caracterizam cada vez mais bases para a malha urbana que se iria estabelecer, onde atualmente ainda estão presentes marcos destes núcleos primitivos, por exemplo a Igreja da Nossa Senhora da Conceição.¹⁴

Evolução Contraditória

Com a evolução verificada, era de esperar que atualmente toda a cidade apresentasse uma coerência construtiva, de forma a satisfazer as necessidades básicas dos moradores, contudo não é esse o caso, como se pode constatar no seu todo, ou seja, nas “habitações” clandestinas localizadas, nos terrenos da base da Arriba Fóssil, em plena reserva agrícola nacional,¹⁵ também conhecidas como o bairro das Terras de Lelo Martins. Existem, no entanto, mais casos dentro deste espectro de ilegalidade, isto na vertente mais abrangente do conceito, surgindo a questão:

Qual o porquê de estas surgirem?

14. Erguida para marcar a intenção de não quererem voltar às terras de origem.

15. Também designadas por Terras da Costa.



24. Cabanas de colmo, 1934.



25. Construções típicas de pescadores, Alberto Lima, 1910.

De um modo geral os dois grandes motivos, que levam as pessoas a afixar-se de um modo ilegítimo, nos terrenos da Costa da Caparica, são o interesse e a necessidade. Perante este interesse podemos destacar o que sucede nos parques de campismo, onde a proximidade com o mar se revela como algo extremamente forte, “elevando” estas habitações temporárias a 1ª habitação. Por outro lado, também com ligação ao interesse, surge por exemplo o bairro do Campo da Bola assim como o das Terras de Lelo Martins, pela necessidade de um “abrigo”.

Perante estes dois grandes motivos (interesse e necessidade), estas fixações ilegítimas traduzem-se em construções ilegais, do tipo:

- Parques de Campismo – caravanas cobertas por um toldo para angariar mais espaço habitável;
- Bairro do Campo da Bola – construções que não obedecem a uma ordem (sem licenciamentos);
- Bairro das Terras de Lelo Martins – construções precárias (Barracas) edificadas em terreno protegido (R.A.N.);

Identificação do tipo de “Ilegais”

Os parques de campismo são um fator de fragilidade para a Costa da Caparica. Localizados na zona sul, em contacto direto tanto com a frente praia como com o denso arbóreo da zona de matas, o carácter de campismo está completamente perdido, assemelhando-se cada vez mais a um “campo de

refugiados”, no sentido de ser algo extremamente denso de abrigos, sem qualquer ligação com o exterior, constituindo um local à uma margem da sociedade. A fragilidade que esta “mancha” apresenta, parte da sua ilegalidade, enquanto habitação temporária adotada como 1ª habitação, assim como a sua apropriação territorial, pois este contacto direto anteriormente referido, passa pela a construção sobre terreno de formação dunar. Ilegalidade menos evidente, mas igualmente preocupante ou mais.

As condições de habitabilidade não diferem muito das construções do bairro das Terras de Lelo Martins, apesar destas terem as condições básicas, a proximidade entre caravanas impossibilita um respirar das “habitações”, vindo a contradizer por completo o objetivo de contacto com a natureza.

Em acréscimo a este “sufocar” habitacional, podemos ainda aferir que qualquer tipo de acidente pode ser fatal, como no caso do incêndio de 2019, em que 10 parcelas arderam vitimizando um idoso residente, no próprio parque, ou ainda relativamente à sua localização sobre solo dunar, onde a proximidade à linha de água os coloca numa situação de vítimas de uma catástrofe natural, e ainda os malefícios, que estas construções geram para com o ecossistema costeiro.

Implantado também na zona sul, entre o bairro dos Pescadores e os parques de campismo (anteriormente descritos), o bairro do Campo da Bola, insere-se neste espectro da ilegalidade, apesar de não ser um bairro dito ilegal, pois os terrenos foram cedidos aos residentes, mas a forma como o edificado surgiu, não planeado ou fiscalizado, de construção anónima/

popular, traduz uma ocupação informal num terreno legal. Apesar de apresentar algum cuidado na organização (seguindo um género de uma métrica) e coerência na linguagem formal, este continua a ser considerada ilegal. Atualmente as habitações encontram-se bastante degradadas e muitas delas abandonadas.

Dando agora ênfase, ao bairro, que melhor ilustra esta ilegalidade habitacional, estes têm como início da sua mancha, breves apontamentos de anexos junto aos apoios agrícolas e um pequeno aglomerado junto à Rua do Juncal (eixo de confronto entre zona urbana e zona natural), denominado por Bairro do Abreu.

Contudo era na zona onde se encontra o atual Parque Urbano, que a maior mancha de edificado ilegal se encontrava. Atendendo à localização, era nesta zona que também se encontrava uma das valas de drenagem de águas,¹⁶ da Costa da Caparica. A população dominante, nestes nichos habitacionais, eram na sua maioria retornados,¹⁷ imigrantes oriundos dos países de língua portuguesa, e em grande número elementos da comunidade cigana.

Para a implantação do parque urbano, no desenvolvimento do programa Polis, planeou-se um realojamento destas famílias, no entanto tal não ficou concluído na totalidade, resultando na fixação de algumas famílias nos terrenos agrícola-

16. Local eleito para o despejo de resíduos das barracas.

17. Após a Revolução dos Cravos, em 1974, Portugal observa um grande fluxo por parte dos retornados, e atendendo à falta de instalações suficientes sucede-se “à formação de assentamentos informais, em diversas zonas da ‘Costa’, incluindo a envolvente do atual bairro das Terras do Lelo Martins”. Durante a década de 80-90, muitos desses aglomerados foram demolidos e os moradores transferidos para bairros camarários.

las, dando origem ao atual bairro das Terras de Lelo Martins, onde a ocupação se mantém ligada às mesmas populações, vindo a substituir os retornados por migrantes portugueses. Este bairro encontra-se fixado, como referido, sobre terrenos integrados na reserva agrícola nacional.

As condições sobre as quais estas barracas¹⁸ se encontram, não cumprem os requisitos básicos para um habitat confortável, desde a própria construção (onde por exemplo o pavimento em muitos casos apresenta-se de terra batida, ou coberturas em lona) mas também pela questão de não existir acesso a eletricidade, saneamento e água. Por sua vez, os campos agrícolas apresentam um sistema de rega automático, ilustrando esta dualidade presente entre o legal e o ilegal.

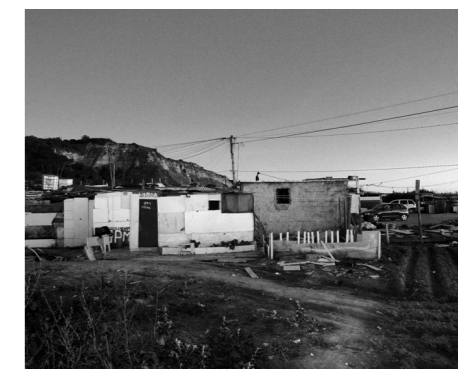
Dualidades

Ao percorrermos as ruas da Caparica podemos ouvir diversas opiniões sobre a problemática das barracas, uns a favor e outros contra. Desde os cidadãos aos representantes do poder local, as ideias de como lidar com a questão divergem. A falta de ação por parte da Câmara Municipal de Almada, prolonga e agrava a situação.

*“Metia ali duas ou três máquinas e arrasem! Acabou! (...) A Câmara é que criou o bicho. Que resolva a situação.”*¹⁹

18. Barraca - não no sentido depreciativo da palavra, mas no seu conceito pleno: 1. Construção rústica e, geralmente, precária; 2. Construção provisória, para abrigo, geralmente feita de madeira ou de lona; 3. Armação coberta de lona onde os banhistas se abrigam ou trocam de roupa; 4. [Informal] Situação embaraçosa.

19. Entrevista a António Neves, antigo presidente da Junta de Freguesia (1997-2017).



26 e 27. Formas construídas no bairro das Terras do Lelo, Valter Vinagre, 2013.

“Vivo cá há muito tempo e cada vez há mais barracas.” ²⁰

Em contradição:

“Não temos muito por onde crescer, mas temos muito para recuperar.” ²¹

“São pessoas como nós.” ²²

Como tal, é necessário desmistificar a ideia de habitação ilegal, fortemente vincada pela população relativamente às habitações e os habitantes das Terras da Costa, assim como do Bairro do Campo da Bola e dos Parques de Campismo.

Vivências

Afastamento físico

Para uma análise mais concisa utiliza-se o caso de estudo do bairro das Terras de Lelo Martins, pois este representa uma apropriação de carácter totalmente ilegal, uma vez que são habitações clandestinas, resultantes de apropriações de terrenos agrícolas, colocando este aglomerado habitacional às margens da Costa da Caparica, tanto no seu sentido geográfico como social.

O bairro, encontra-se localizado na base da Arriba Fóssil vizinho a pequenos apoios agrícolas, o que marca novamente um contraste entre o legal e o ilegal do edificado, sobre terrenos protegidos. As instalações do bairro são precárias, os

20. Interjeição feita por moradora, numa primeira abordagem ao local.

21. Entrevista a José Martins, atual presidente da Junta de Freguesia (2017/-).

22. Diálogo com Dr. Carla Dias, técnica do Centro Local de Apoio à Integração de Imigrantes.

materiais pobres e os acabamentos fracos ou inexistentes, não existindo água canalizada para cada habitação e a eletricidade utilizada é também adquirida de forma clandestina.

O aglomerado marca a paisagem e é contrastante com o resto da cidade, de um lado estão os grandes blocos habitacionais que formam uma barreira para com a arriba e os campos, desconectando-se da envolvente, criando uma traseira urbana útil apenas para o carro. Do outro lado dessa barreira, um aglomerado ilegal com uma variedade de materiais e texturas, que invocam de um modo distante a história da Costa e as habitações dos primeiros pescadores, em barracas construídas com materiais comuns, levam a um olhar atento para avaliar-se, na sua vertente exclusivamente material e volumétrica não estarão mais conectadas ao lugar, comparativamente às habitações do centro.

Afastamento social

Correndo o risco de estereotipar os ocupantes das zonas agrícolas, apontamos algumas características mais singulares que constituem obstáculos na inclusão social dos habitantes com o resto da cidade.

O número elevado de imigrantes de ex-colónias portuguesas é compreensível tendo em conta que, a familiaridade com costumes e vivências é um aspeto apelativo à mudança de território, permitindo uma adaptação mais familiar, no entanto a barreira linguística cria resistência na mais simples tentativa de comunicação com pessoas de fora. O diferente estilo de vida enfatiza as divergências entre os habitantes da Costa.

A importância da ligação com a terra, do cultivo, do olhar para a agricultura como meio de sobrevivência, traz seriedade ao dia a dia dos ocupantes mais antigos. Estas prioridades não são partilhadas pelas gerações mais novas, os filhos e netos dos primeiros “habitantes”, nascidos e criados na Costa, testemunham em primeira mão o contraste social, na escola, nas festas de aniversário, nas casas dos colegas.

Deste modo a marginalidade não fica apenas por uma questão física, que ocupa uma percentagem ínfima da reserva agrícola nacional, mas estende-se às pessoas e tende a piorar ao longo do tempo. O resto da população, mais cosmopolita, que vive do turismo, da praia, do surf e da restauração, quando não trabalham no centro, apenas vêm os vizinhos ilegais quando parados no trânsito, à entrada da cidade, onde se observam as casas camufladas na paisagem, ou então quando estes estão a recolher água do poço.

Projetos

Tendo em conta a necessidade eminente para dar voz aos habitantes das Terras da Costa, para contradizer o hábito que se perpetuou para com os bairros de índole ilegal, onde o melhor é “apagar” em vez de “solucionar”, diversas entidades e arquitetos demonstraram grande interesse em combater este mesmo. Deste modo surgiram diversos projetos com objetivo de intervir em diversas frentes, todas elas relacionadas com a melhoria das condições de vida, para quem vive no bairro das Terras de Lelo Martins.

Os de maior destaque são:

- Projeto Fronteiras Urbanas (2009/-), desenvolvido por doze investigadores, com o objetivo de dar visibilidade às duas comunidades primitivas da Costa da Caparica, sendo elas a comunidade piscatória e agrícola. Com o apoio deste grande projeto foram surgindo outros de igual valor, como por exemplo o de Alfabetização Crítica, que pretendia quebrar a barreira linguística presente entre os moradores das terras da costa e os restantes, ou então as aulas cooperativas entre moradores das terras e no centro, onde se pretendia realizar uma troca de saberes, por exemplo aulas de português lecionadas por moradores do centro para os da comunidade e as aulas de crioulo ou então de agricultura comunitária, lecionadas pelos da comunidade para os do centro.

-Noutra Costa (2012), um workshop coordenado por o arquiteto Pedro Campos Costa e a antropóloga Filipa Ramalhete, que provém também, no âmbito do Projeto Fronteira Urbanas, mas este já com uma intervenção mais precisa/ arquitetónica para como o espaço. Por exemplo, a instalação espelhada, colocada no centro da Praça dos Correios, serviu como instrumento metafórico de transmissão de mensagem, pois ao ser espelhada por fora demonstrava a invisibilidade que o bairro apresentava. Outra proposta proveniente deste workshop, foi o de “um sistema de permutas, utilizando edifícios devolutos e abandonados da Costa da Caparica como motor da reabilitação necessária”²³ ou então a proposta para manutenção do bairro, onde se pretendia criar sistemas úteis

23. COSTA, Pedro Campos. MOREIRA, Paulo (2013).



28. Capa do Workshop Noutra Costa, Da/Ual 2012.



29 e 30. Vivências. Cozinha Comunitária, Fernando Guerra, 2014.

para a vida cotidiana dos moradores.

- Cozinha Comunitária (2014), um projeto da colaboração do Ateliermob e do Coletivo Warehouse, esta poderia caracterizar-se como “objeto” resultante das intervenções praticadas, pelos projetos referidos anteriormente,²⁴ e surge como forma de combate à invisibilidade das condições às quais o bairro das Terras de Lelo Martins estava submetido. Tal como, referido anteriormente, este não tinha acesso a água nem eletricidade,²⁵ e para além destes problemas levantados, pela própria população, é colocada a questão relativamente à falta de um espaço público, com especial atenção ao encontro para crianças. Deste modo, surge a cozinha comunitária, com o objetivo de solucionar estes mesmos problemas, providenciando tanto um espaço público multifuncional e inter-geracional como também local de confeção alimentar e ponto de água.

Partindo de um simples sistema modular em madeira, e de modo a adaptar os espaços às necessidades da comunidade, esta apresenta um espaço de convívio, uma zona de lavagem e secagem de roupa, um espaço de refeições aberto e uma cozinha fechada. Um dos objetivos a cumprir, era quebrar a barreira social existente, permitindo uma aproximação dos habitantes do bairro com os restantes habitantes da Costa. Contudo este projeto atualmente, contradiz-se em especial

24. A convite do workshop “Noutra Costa”, e em colaboração com representantes da Universidade Autónoma de Lisboa e membros das Fronteira Urbanas, o ateliermob é convidado a desenvolver o projeto.

25. Muitas das vezes a confeção alimentar fazia-se em fogueiras dentro ou na proximidade das barracas, o que colocava em risco a segurança de um bairro sem água, onde o ponto de recolha de água mais próximo é um chafariz público (Poço da bomba), para o qual é necessário percorrer um trajeto de cerca de 1 km.



31. Construção da Cozinha Comunitária, Sam Boche, 2014.



32. Cozinha Comunitária, Fernando Guerra, 2014.

neste objetivo de inclusão, pois a sua organização vem rematar o aglomerado fechando-o à cidade.²⁶

- Processo de Realojamento do Bairro das Terras da Costa (2015), sobre alçada do Ateliernob, Ana Catarino e do Coletivo Warehouse, surge este programa que se assume como o objetivo de compreender tanto as potencialidades como as necessidades dos moradores das Terras da Costa, baseando o seu trabalho num “mapeamento coletivo”, onde a participação da população assim como dos técnicos foi a chave para o desenvolver do projeto.²⁷

26. Ver Anexos 24 a 26.

27. Este texto foi elaborado em conjunto com a Camila Aboim.



33. As texturas da barraca e da Arriba, João Parcelas, 2020.

Na sociedade atual, podemos constatar muitas comunidades marginalizadas e em estado de vida precária, como tal é de grande relevância encontrar formas de integração social por meios que não políticos, pois estes em muitos dos casos não revelam resultados positivos. Em muitos casos as práticas artísticas demonstram ser um fator de dinamização e integração social.

Cada território tem os seus próprios princípios enraizados, sejam estes históricos econômicos, políticos, sociais e ou arquitetônicos. Algo que os torna aptos de participação em ações de partilha e de diferentes interações sociais. Esta interação dinâmica e humanitária faz a mediação entre a mobilidade social e as forças e costumes estáveis na comunidade.

No meio comum, o espaço público é um elemento indispensável de uma cidade. Mais especificamente no campo das relações de poder e à forma que ele assume na sociedade. Este termo refere-se a infraestruturas e equipamentos coletivos que representam o conceito de apoio e convivência, portanto, são classificados como bens públicos. Desta forma, a arte deve intervir neste campo, bem como em todo o seu contorno, levando em consideração as várias perspectivas, seja cultural ou social.

A arte cria a oportunidade de se auto exprimir, ao mesmo tempo gera diálogo na comunidade, por meio da educação e da sensação de satisfação, estimula a participação e a valorização da criação artística, e propõe soluções para os prob-

lemas da comunidade sendo estas algumas das tantas funções que a prática artística assume na esfera pública.

Cultura é uma herança do passado. A herança de uma comunidade e o seu patrimônio são os meios para o processo de evolução de um determinado território, visto que tem a capacidade de promover a coesão social e mobilizar as comunidades locais para a sua preservação. A cultura é ainda um pilar para formação de uma identidade local que desperta um sentimento de orgulho nos cidadãos em pertencer a esse lugar, porque no patrimônio tangível ou intangível, são refletidas “relações passadas, conquistas, desafios e esperanças dos cidadãos”.²⁸

Deste modo a cultura deve intervir no desenvolvimento da cidade. É certo que levanta novos problemas, mas ao mesmo tempo cria novas soluções e possibilita que a comunidade participe ativamente neste processo. Então podemos afirmar que a prática artística promove a mudança, tanto ao nível físico da paisagem, psicológico e ao nível social.

Por exemplo, a música é capaz de reunir um grupo diversificado de pessoas na comunidade porque transcende as limitações linguísticas, proporcionando a sua própria linguagem de ritmo e melodia para permitir que os seus agentes e ouvintes se comuniquem. Proporciona oportunidades para que os membros de uma comunidade estejam perto uns dos outros de forma a promover a familiaridade e a formação de relações saudáveis e ajuda a gerar sensação de pertença para aqueles que participam. Pode mesmo afirmar-se que a

28. Varbanova, 2009, p. 172

música pode ajudar-nos a desenvolver uma sociedade mais harmoniosa se o acesso a ela for proporcionado e o envolvimento promovido.

As comunidades atuais são compostas por pessoas em diferentes situações sociais e culturais. Algo que gera conversa entre a identidade e as diferenças, o que nos identifica e nos distingue. Portanto, dá-nos a possibilidade de se aproximar da realidade da sociedade atual, onde o multiculturalismo é cada vez mais um tema atual que precisa ser encarado. Neste sentido, arte e cultura assumem-se como ferramentas importantes para compreender as diferenças e, ao mesmo tempo, como ferramentas importantes para o reconhecimento mútuo apesar das diferenças.

As práticas artísticas não só possibilitam esta compreensão e também promovem a igualdade de oportunidades, mas também ao desenvolvimento de competências e capacidades. A criatividade é um caso óbvio porque promove o diálogo entre culturas e porque é necessário encontrar formas de superar as barreiras relativas à falta de comunicação. Desta forma, a participação social é incentivada. Também promove o alargamento dos horizontes e, como tal, permite olhar para a arte de uma forma diferente e saber interpretá-la. Portanto, isso também se aplica a todos os aspetos da vida diária. Enriquece a cultura e a sociedade, pois interagem constantemente com diferentes pessoas de diferentes culturas, tornando a dinâmica mais interessante.

É possível compreender as suas próprias experiências, e ter diferentes visões sobre a realidade envolvente. Desta forma,

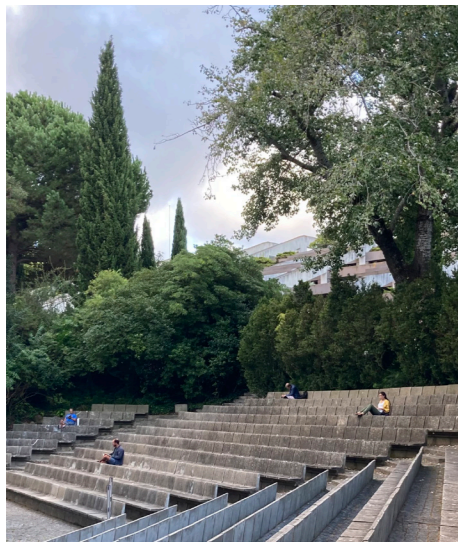
as competências são desenvolvidas ao nível cultural e artístico, sendo também desenvolvidas e definidas na forma de pensar, de ser, e de agir. Ou seja, o desenvolvimento de competências sociais, como habilidade de comunicação, saber trabalhar em equipa e criatividade. Essas habilidades sociais promovem um maior grau de abertura das pessoas ao seu redor, facilitando a sua adaptação às situações de acordo com a sociabilidade e interiorização dos hábitos específicos do seu grupo. Além disso, essas funções são muito úteis na vida diária, pessoal e profissional.

Considerando os efeitos da prática artística na sociedade julgou-se essencial trazer um espaço de prática e criação artística para a Costa, sendo simultaneamente um espaço de encontro para a comunidade local. Da ideia de um espaço que pudesse aglomerar várias práticas artísticas e ser um local de dinamização urbana nasce o programa do centro comunitário.

O Centro Comunitário vem criar um novo pólo cultural na Costa, um espaço que possibilita a oportunidade de criação, e a apresentação de todos os tipos de eventos, desde a música, artes plásticas e artes representativas. Para além de gerar um espaço público de grande interesse urbano e cultural, algo que também podemos verificar na Fundação Calouste Gulbenkian em Lisboa.

O lugar onde hoje se situa a Fundação Calouste Gulbenkian, no centro da cidade, era antigamente, uma das portas da cidade. Atualmente insere-se num ambiente totalmente diferente, numa das zonas mais movimentadas de Lisboa. No en-

As Populações



34. Anfiteatro. Jardim da Gulbenkian, Fotografia do autor, 2021.

tanto, assim que entramos no jardim, esquecemos do nosso contexto urbano. Protegido em relação às vias circundantes, através da densa mancha arbórea, cria um ambiente totalmente integrado na natureza, num contexto cultural. Arquitetura e espaço exterior fundem-se dando a possibilidade às artes que se encontram no interior do edifício de se expandirem para o exterior, criando um espaço de encontro em relação direta com a natureza.

Arte como dispositivo de
dinamização social e urbana



35. Natural e o Construído. Jardim da Gulbenkian, Fotografia do autor, 2021.

O Projeto



36. Desenho da intervenção sobre a pré-existência, 2021.

A concessão do projeto teve o auxílio de dois projetos de referência que se mostraram de extrema importância, por se tratarem de realidades semelhantes, quer pelo contexto urbano onde estão inseridos quer pelo programa que desenvolvem.

Arquipélago Centro de Artes Contemporâneas (2014) – Menos é Mais + João Mendes Ribeiro

O projeto visa a recuperação da antiga Fábrica do Álcool da Ribeira Grande, situada na costa norte de São Miguel, e a construção de quatro novos edifícios contemporâneos. Criando 9000m² de área dedicados às artes.

Arquipélago pela sua localização fora da capital, Ponta Delgada, apresenta a intenção de descentralização cultural, promovendo atividades que envolvam populações marginais com a produção de arte e cultura. Neste caso situado nas proximidades de Rabo de Peixe, conhecido pelo seu contexto social desfavorecido.

O projeto procurou valorizar o conjunto construído da fábrica por se tratar de património industrial de séc. XIX. Algo que levou à reabilitação do edificado, bem como à preservação do sistema dos telhados em asnas de madeira. A Fábrica destaca-se pelos seus tons escuros, construída em alvenaria de pedra basáltica. Como tal os novos volumes, foram construídos em betão pigmentado preto, o que proporcionou a



37. Fachada norte, José Campos, 2015.

O Projeto



38. Átrio exterior, José Campos, 2015.



39. Praça da entrada, José Campos, 2015.
58

Projetos de Referência

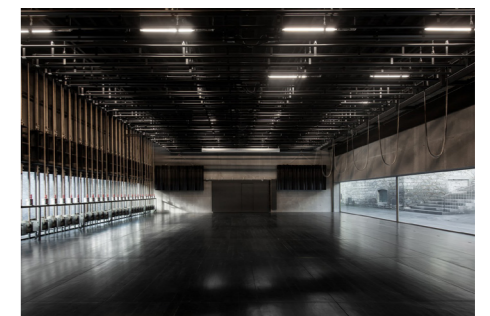
cor que se aproxima do tom basáltico da fábrica, dando uma unidade ao centro.

O conjunto edificado do centro, funciona como uma “micro cidade” onde o pátio central encontra-se como o espaço, de confluência de acontecimentos e possibilidades territoriais. Um espaço objeto a uma requalificação num contexto de espaço cultural que por sua vez permite a dinamização e promoção da identidade das áreas urbanas envolventes.

O centro tem vindo a dinamizar a população envolvente através de workshops para os jovens e trabalhando diretamente com as escolas locais. Para além disso, tem disponibilizado as suas instalações para o uso e apropriação de todos, nomeadamente a construção de uma rampa de skates²⁹ no pátio, de forma a trazer para o centro os jovens da região combatendo a delinquência.

O acesso é feito através de uma praça, virada ao mar, a partir da qual se distribui para os vários edifícios do Centro de Artes Contemporâneas. A sul, o único edificado branco, corresponde à recuperação de um corpo antigo transformado em loja e livraria. A norte encontramos o edifício das oficinas de carpintaria. Mais adiante chegando à praça central, uma espécie de átrio exterior, que liga ao edifício principal, que contém as áreas expositivas, o centro de documentação, a biblioteca e a cafetaria, bem como a Black Box, o volume de maior dimensão que alberga o auditório/espaço polivalente.

29. Entrevista da Fátima Marques Pereira diretora do Centro de Artes Contemporâneas ao jornal Nascer do Sol.



40. Espaço performativo, José Campos, 2015.

41. Centro Comunitário, Fernando Guerra, 2008.



42. O Adro, Fernando Guerra, 2008.
60



Igreja de Santo António e Centro Social de São Bartolomeu (2008) – João Luís Carrilho da Graça.

O projeto de 1993, foi inaugurado em 2008, passados 15 anos, no entanto não perdeu o seu efeito singular na arquitetura religiosa portuguesa e internacional.

Implantado num bairro degradado na periferia da cidade, o projeto mostra-se atento à sua envolvente, com traços simples, mas coerentes e singulares, procura participar na dinamização local, ao tomar o papel de criador de referências e identidade, e de relações humanas.

O seu conjunto é composto por 3 volumes: a Igreja de Santo António, o Centro Comunitário e o Centro Paroquial. Os espaços distribuem-se em torno de um grande vazio (adro) que apresenta uma linguagem contemporânea evidente, de linhas simples e planos brancos, mas ao mesmo tempo apresenta traços da arquitetura tradicional alentejana.

Por fora o projeto constrói-se com planos brancos, um volume singular. Mas o adro conduz-nos por um percurso desde o exterior até à rocha quartzítica. Começando pelo pórtico de entrada. Em seguida o adro rodeado pelas duas rampas. Por fim a igreja, surpreendentemente transparente com o pano de fundo, a rocha. O adro, pavimentado a saibro, articula-se com as rampas e os acessos ao centro comunitário, sendo ao mesmo tempo um ponto de encontro para a comunidade local.

Nos flancos do adro surgem duas rampas que levam a uma galeria em cima do pórtico de entrada, formando um percurso



43. Pórtico de entrada, Fernando Guerra, 2008.

O Projeto

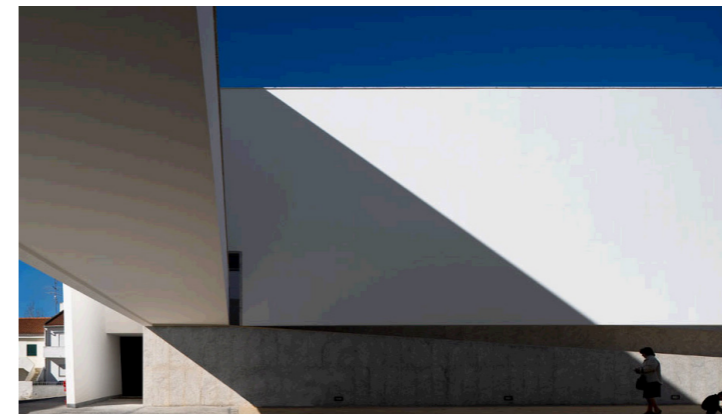


44. O cenário da rocha por trás do altar, Fernando Guerra, 2008.

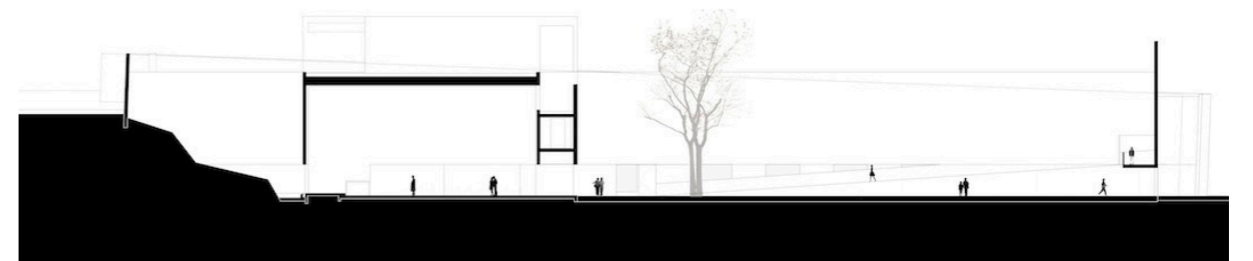
so, por onde se pode circular/deambular em torno do pátio num ato de fé e reflexão.

O bairro passou a contar com um espaço de oração e congregação, capaz de acolher todos e de receber diferentes funções. A forma como o edifício acolhe a comunidade, convida a entrar e parar, proporcionando espaço para todas as idades, o que leva as pessoas a se dedicarem e tornando-o seu.

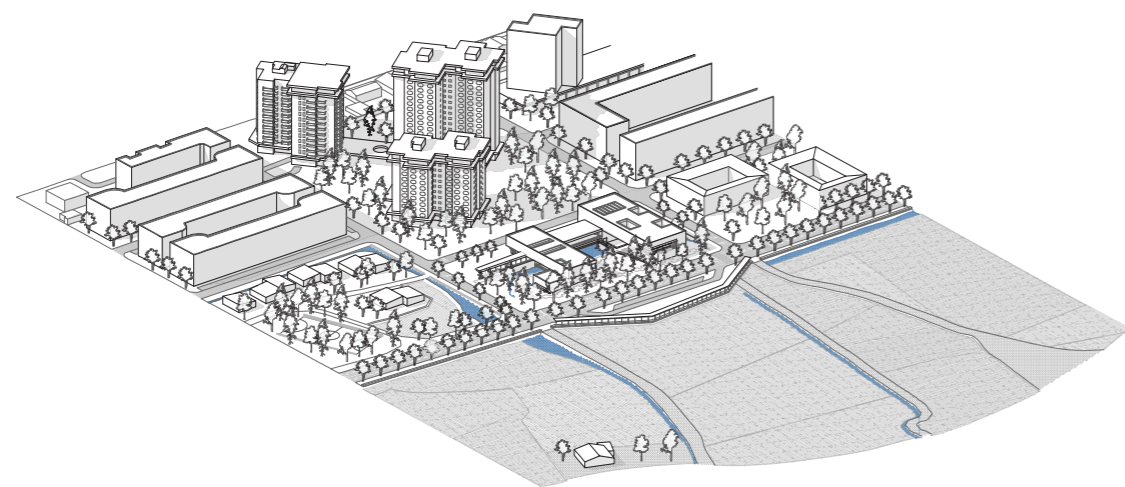
Projetos de Referência



45. Galeria, Fernando Guerra, 2008.



46. Corte Longitudinal



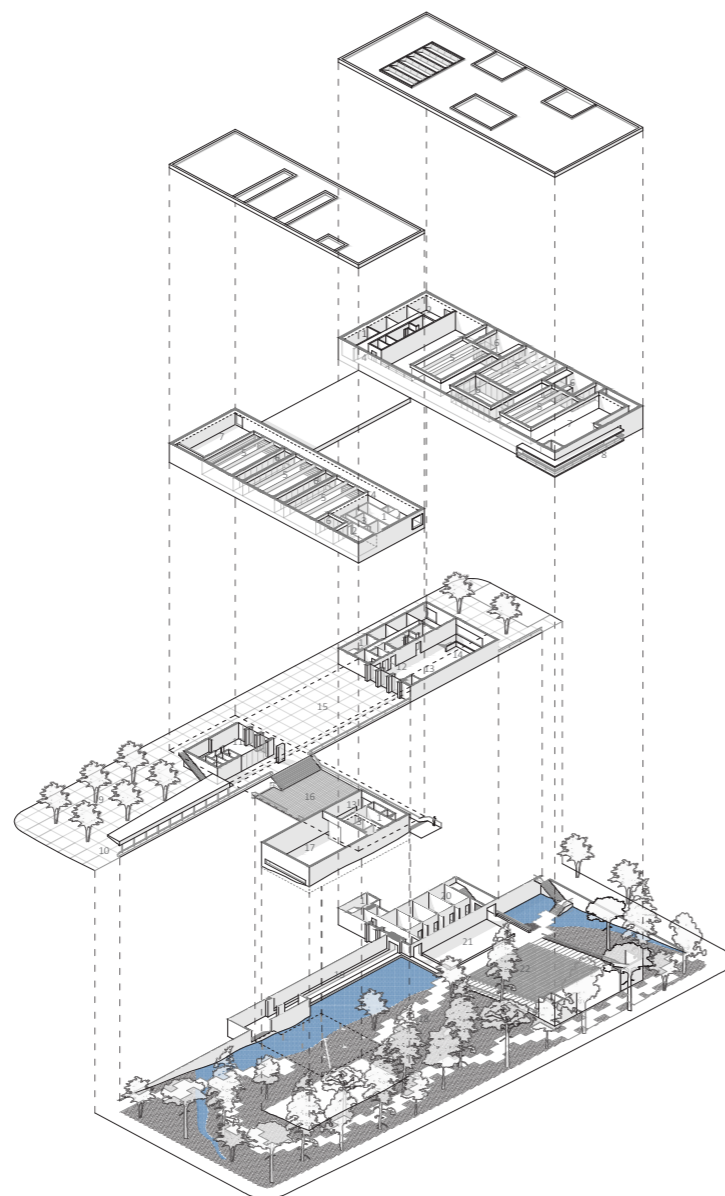
47. Axonometria

O novo centro comunitário tem o seu local na zona menos consolidada da cidade, frente aos campos agrícolas, junto ao novo eixo limítrofe da cidade, Av. Lelo Martins, que é acompanhada por um percurso pedonal e vala de drenagem. Este é um dos vários equipamentos previstos numa zona que se pretende consolidar como remate da cidade. Este local é predominantemente de uso habitacional onde o centro comunitário pretende introduzir uma nova dinâmica, tornando-se num elemento de referência na dinamização local e na divulgação da identidade e cultura da Costa.

Localizado na Av. Lelo Martins, entre o ponto de venda mais a sul e as torres das argolas, a escolha deste lugar para implantar este equipamento é justificada pela sua relativa centralidade junto ao novo eixo da cidade e pela sua proximidade a grandes bolsas de verde e aos principais núcleos de habitação.

Deste modo, o projeto pretende criar uma transição entre o urbano e o natural dando continuidade ao corredor verde, estabelecido na intervenção de grupo, no embasamento das torres das argolas. A sua posição central permite uma fácil comunicação com a sua envolvente mais próxima, nomeadamente com o novo bairro Lelo Martins.

1. Acessos verticais
2. Zona Administrativa
3. I.S
4. Circulação
5. Estúdios 100/120 m²
6. Pátio de Luz
7. Zona de estar 100 m²
8. Varanda/Miradouro
9. Praça 590 m²
10. Percurso Coberto
11. Café 60 m²
12. Átrio 150 m²
13. Bilheteira/Receção 16 m²
14. Livraria 30 m²
15. Praça Coberta 370 m²
16. Ponte Flutuante
17. Zona Expositiva 165 m²
18. Jardim
19. Varanda para o lago 65 m²
20. Camarins 22 m²
21. Palco 110 m²
22. Plateia 550 lugares



48. Axonometria Explodida

Através de uma análise e das visitas ao campo procurou-se entender as necessidades locais de forma a identificar os programas que o centro comunitário poderia receber. O projeto vem contrariar a falta de espaços de diálogo/reunião para a comunidade e espaços de divulgação da identidade e cultura da Costa. Atualmente podemos verificar programas e associações que estão empenhadas na resolução destes problemas, nomeadamente o projeto Fronteiras Urbanas e a Associação Gandaia.

Fronteiras Urbanas foi um projeto realizado por doze académicos interdisciplinares. Centrado no desenvolvimento de políticas educativas, através da observação e participação do conhecimento existente nas comunidades multiculturais, este projeto foi fundamental na exposição das dificuldades das comunidades multiculturais da Costa (Comunidade Piscatória e bairro Lelo Martins).

Teve um papel importante na chegada da água ao bairro Lelo Martins, com a sua participação no workshop "Noutra Costa", que resultou na construção da cozinha comunitária. Além disso, este projeto esteve ativo na integração destas comunidades na Costa organizando inúmeros eventos, desde iniciativas de alfabetização com o projeto Escola do Bairro a workshops de filme/fotografia, prosas poéticas, atuações de teatro e música, atividades desportivas e organização de festas. Todos os seus esforços incentivaram o diálogo não só entre as autoridades públicas com os habitantes do bairro, mas também com a restante população.

A Associação Gandaia é uma associação sócio cultural criada pelos próprios residentes da Costa da Caparica. É um projeto de divulgação identitário através de iniciativas culturais, baseadas nas suas raízes históricas. Tem na sua génese a dinamização cultural comunitária e o diálogo Intercultural.

O foco da associação tem estado na sua sede, o Auditório Costa da Caparica, antiga sala de cinema do Centro Comercial “O Pescador”, encerrada há mais de uma década.

O projeto tem vindo a colocar a sua sede ao serviço da comunidade, possibilitando a sua utilização a todas as entidades, sejam formais ou informais, utilizando-a como um espaço onde possam ser apresentados eventos de todos os géneros, desde teatro, a espetáculos musicais, sessões de cinema, a arte, leitura, comédia e muitos mais. Além disso, no campo social, tem-se realizado iniciativas de coesão social, sobretudo no diálogo intercultural de comunidades residentes.

Após este estudo chegou-se à conclusão de que o programa mais apropriado para o centro comunitário seria um que pudesse desempenhar a função de gerador de diálogo estimulante na comunidade, proporcionar a oportunidade e incentivar à própria criação, à sua divulgação e debate. Ainda promover a consolidação da estrutura social e relações mútuas por meio da expressão da identidade, contacto com outras experiências e saberes.

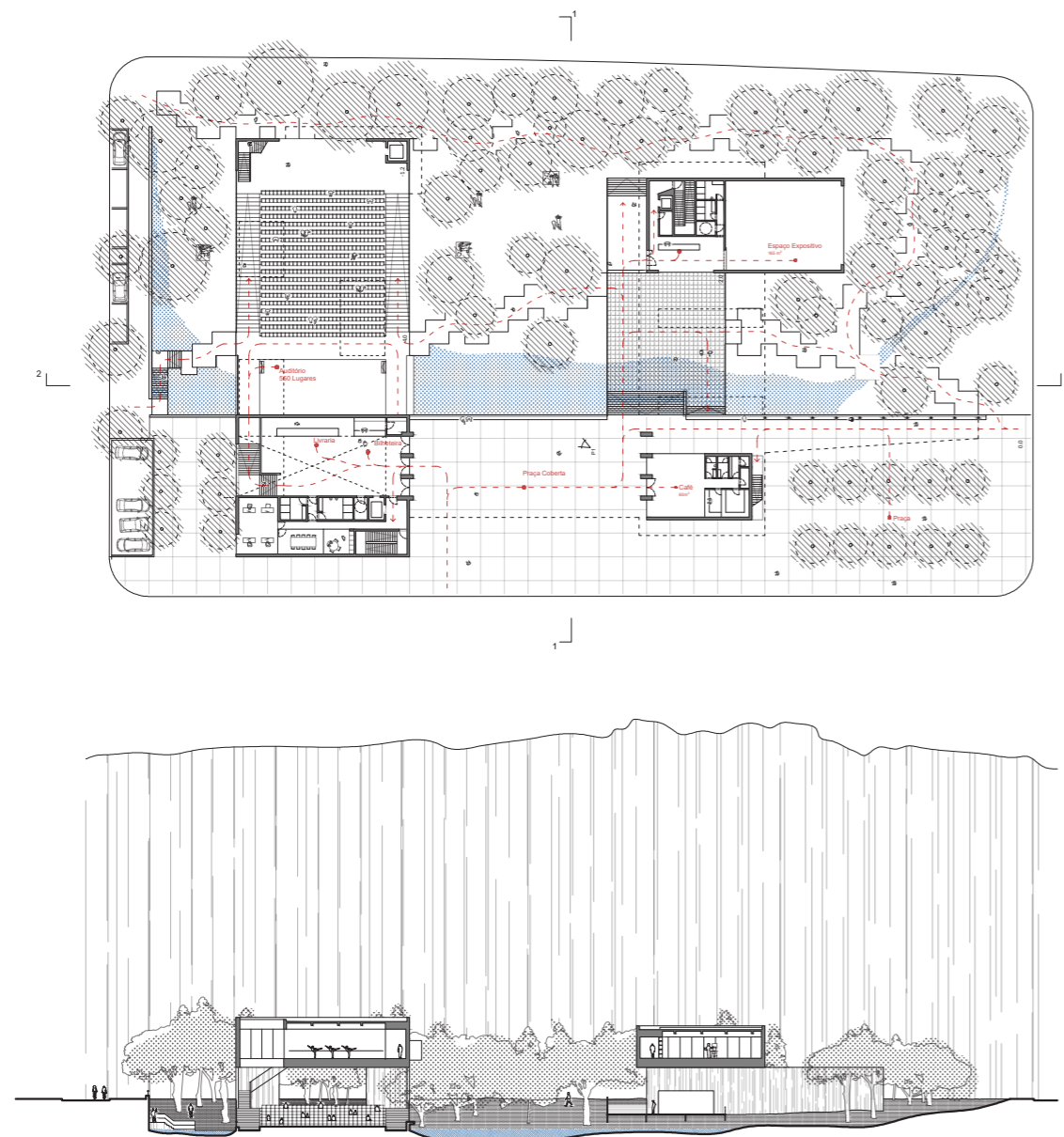
O centro comunitário vem construir um sítio digno onde podem aglomerar diversos géneros de criação como música, teatro, dança, cinema e artes, bem como instalações para a sua divulgação.

Pela sua posição e confronto com o campo, o projeto vem estabelecer ainda mais o limite da cidade, para além do estabelecido pela avenida, vem introduzir o limite arquitetónico, recuando a cidade e deixando transbordar o campo para dentro do projeto. Um limite que gera um momento urbano, um repouso entre a cidade e o campo, que nos convida a acalmar e a descobrir os espaços do centro comunitário.

No lado poente deste “limite” encontramos elementos recorrentes da cidade como a ordem e a métrica que podemos constatar no pavimento regrado de betão da praça e na disposição organizada do arvoredor. Em contraste, o lado nascente apresenta-se com ausência de métrica, deixando tudo fluir de uma forma orgânica. Além disso, afunda as cotas imitando (a relação dos) os campos que se situam ligeiramente abaixo dos caminhos agrícolas e da própria cidade.

Seguindo o exemplo do campo que invade a cidade, com o recuar do limite, a vala da mesma forma transborda a linha da avenida e vem ligar ao novo limite como forma de um lago, vindo a reforçar este limite a semelhança da avenida que é acompanhada por um elemento de água, a vala de drenagem.

O princípio do projeto começa por elevar os espaços de criação do chão, criando dois volumes elementares, suspensos sobre a paisagem, em consola, que posam sobre o embasamento quer no lado urbano quer no lado natural. Estes materializam-se em betão desativo, com um tom argiloso semelhante ao da Arriba Fóssil. A distribuição dos volumes materializou-se fundamentalmente no sentido transversal



49 e 50. Planta do piso térreo e Corte 2
70

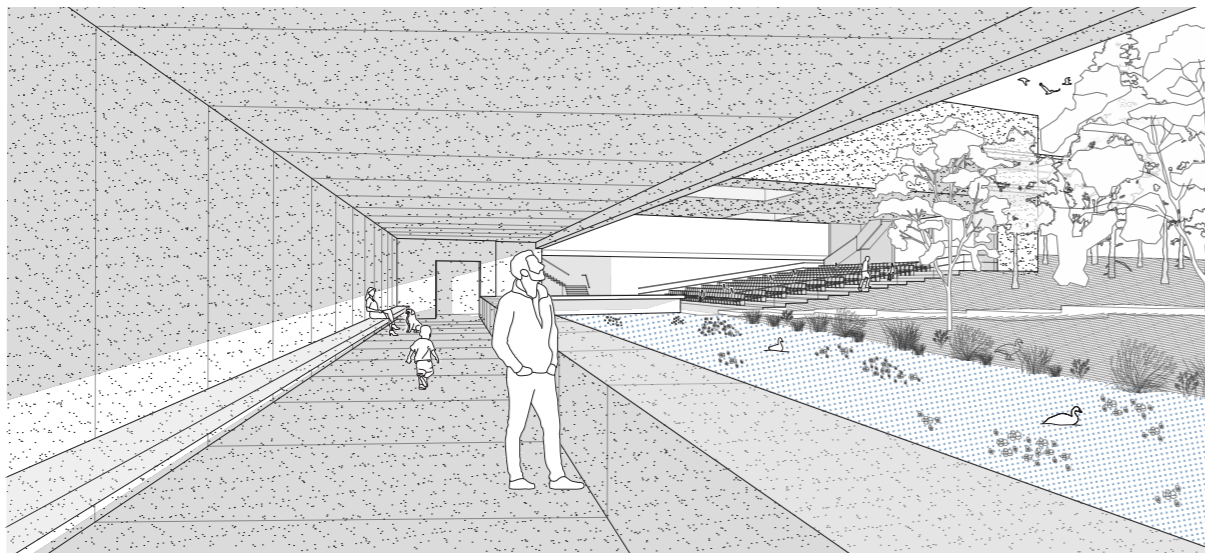
de modo que deixasse de ler para lá deles, a continuidade do espaço verde e nunca obstruindo as ligações visuais com a Arriba Fóssil.

Os volumes estão divididos em dois níveis onde num se cria e no outro se expõe a Arte.

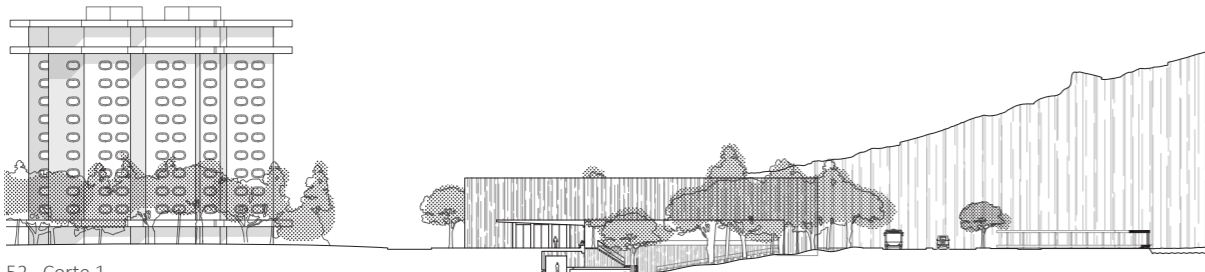
O volume mais a norte é destinado às artes performativas, a entrada é feita através da praça coberta, para o átrio que inclui uma bilheteira e a livraria. No piso superior localizam-se os 3 estúdios e uma zona de estar para os artistas, onde cada estúdio é acompanhado por um pátio de luz que o ilumina bem como o espaço diretamente por baixo, que é precisamente o auditório, completamente exterior e de fácil acesso através do jardim, possibilitando a sua utilização a toda comunidade. Trata-se de um espaço aberto e “aberto” à utilização de todos.

O volume a sul é destinado às artes plásticas, igualmente com 3 ateliers e uma zona de estar. Os ateliers ligam-se através dos pátios, criando uma leitura contínua do espaço. No nível inferior encontra-se o espaço expositivo, a que se tem acesso a partir de uma ponte exterior, suspensa sobre o lago, um percurso “cinemático” elevado, que liga a cota do natural com a da cidade.

Os volumes conectam-se em dois momentos: um para ligar os espaços naturais, através da “varanda” sobre o lago, e um espaço exterior de contemplação. Outro, onde agarram uma pala de betão criando uma praça coberta. À semelhança do Arquipélago, esse espaço central serve como um lugar de encontro e de convergência. O acesso para o átrio principal,



51. Perspetiva



52. Corte 1

espaço de restauração e a ponte suspensa é precisamente através da praça coberta.

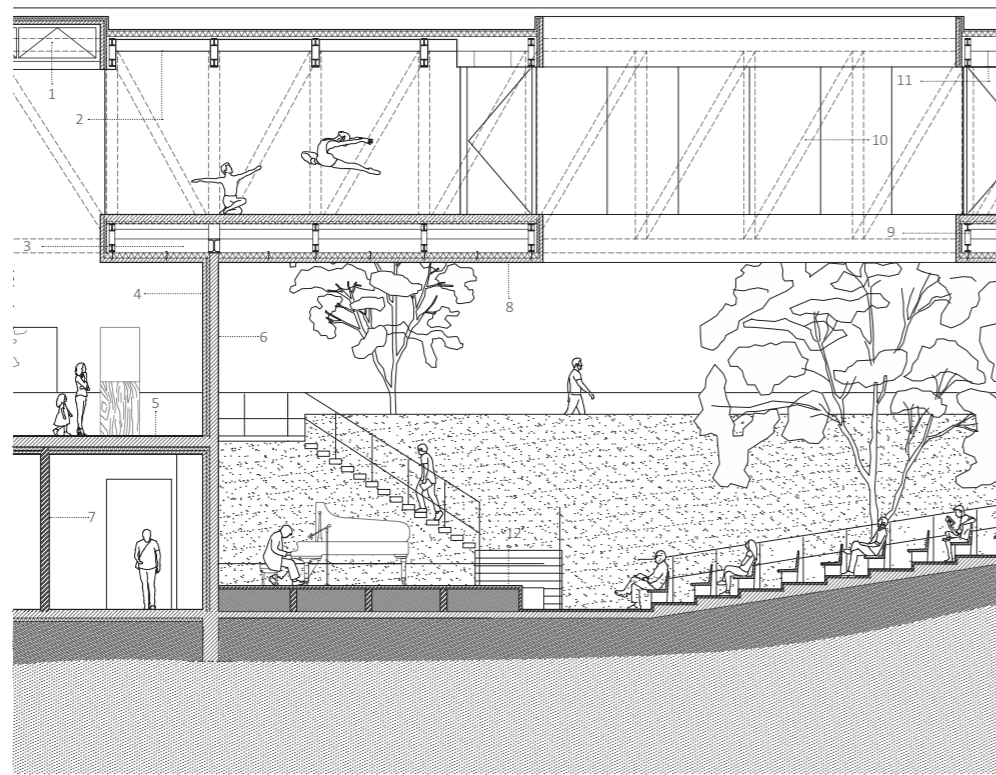
O projeto é percorrido através dos percursos que se desenvolvem no sentido longitudinal que nos levam, de certa forma, a deambular pelo denso jardim. Tal como na Igreja de Santo António estes percursos chamam-nos a entrar e parar, conduzindo-nos desde a rua atravessando múltiplos momentos. Desdobra-se em dois percursos: um, natural, que desce acompanhando a pendente do jardim, passando pela ponte suspensa, a varanda, onde o edifício é refletido sobre o lago, culminando no auditório, e outro, urbano, por um percurso coberto, acompanhado pela repetição rítmica dos pilares sobre um banco que nos encaminha até a praça coberta.

O projeto apresenta uma estrutura mista, um “esqueleto” metálico que pousa sobre paredes de betão. Os dois volumes que albergam os estúdios, são compostos por uma estrutura elevada a 4m do solo. Os volumes poderão simplificada-mente ser descritos como paralelepípedos, aparentemente em betão, opacos, com 57m x 22m x 6.3m e 47m x 17m x 5.3m apoiados nas extremidades por elementos de betão.

Atendendo a estas particularidades, o recurso a uma estrutura metálica é quase imposta, já que apenas com a sua leveza estrutural será possível suportar os grandes vãos em consola.

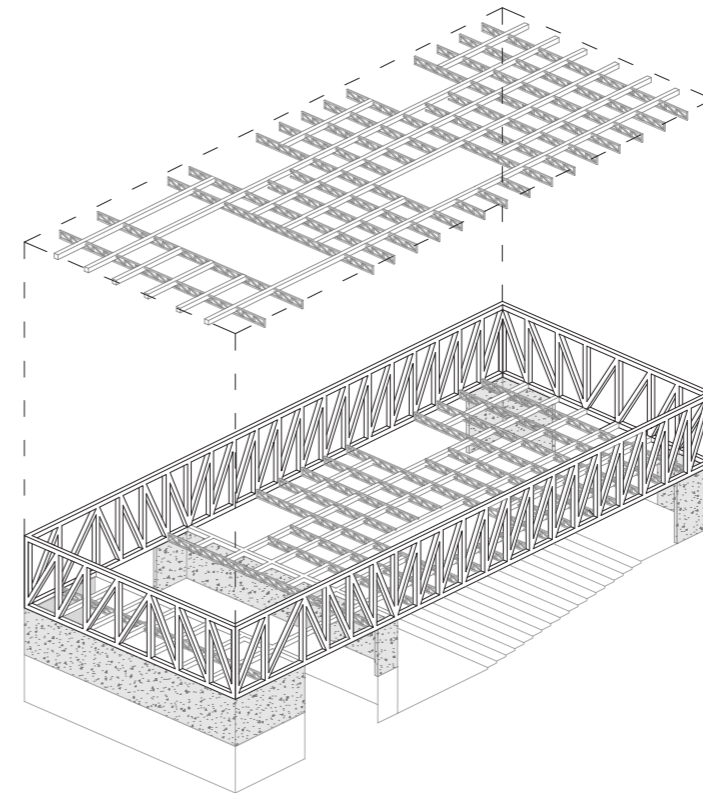
Exemplificando para o volume performativo, com vãos de 57m no sentido longitudinal e 22m no sentido transversal, a estrutura da caixa tem uma estrutura de treliças hiperestáticas camufladas nas paredes das fachadas. As vigas principais, no alinhamento interior do volume, encontram-se no senti-

1. Iluminação zenital com orientação solar a sul.
2. Teto falso acústica em gesso cartonado com manta anti-vibrática.
3. Vigas longitudinais em perfis HEB 300.
4. Pano interior em placas pré-fabricadas de betão pigmentado, com acabamento desativado.
5. Pavimento contínuo em betão afagado.
6. Pano exterior em betão armado pigmentado, com acabamento desativado.
7. Parede divisória em alvenaria.
8. Pano exterior em placas pré-fabricadas de betão pigmentado, com acabamento desativado.
9. Viga trianguladas no sentido transversal.
10. Estrutura nos alinhamentos exteriores em Treliças hiperestáticas.
11. Teto suspenso em placas de gesso cartonado.
12. Palco com pavimento em lajetas de betão, estrutura de alvenaria e enchimento de leca.



53. Corte construtivo

do longitudinal, estas vigas são contínuas em todo comprimento do volume, apoiando-se nos elementos de betão. Por sua vez, as vigas no sentido transversal são vigas trianguladas de 70cm de altura, que se agarram à estrutura exterior.



54. Axonometria da Estrutura. Volume performativo

Considerações Finais

Considerações Finais

“ (...) a sensação irreprimível e determinante de que a arquitetura não termina em ponto algum, vai do objeto espaço e, por consequência, à relação entre espaços, até ao encontro com a natureza.

Esta ideia de continuidade, que pode ser rica de dissonâncias sem nunca deixar de existir, encontra-se hoje em crise e rapidamente os lugares naturais começam a sufocar, muito embora seja evidente que a arquitetura não tem sentido a não ser em relação com a natureza.”³⁰

Siza Vieira

Considerações Finais

A falta de equilíbrio entre o construído e o natural é uma das questões mais importantes neste território. Este desequilíbrio deve-se às intervenções que marcaram o desenvolvimento impulsivo da cidade, transformando imenso a paisagem natural, sendo esta uma paisagem extremamente delicada.

Durante o seu desenvolvimento surgiram diversos planos urbanos, muitos dos quais não conseguiram corresponder às necessidades do território nem apresentavam o cuidado necessário para com a paisagem. Razão pela qual das imensas propostas nenhuma foi levada ao fim, o que proporcionou um crescimento desordenado e desconexo da cidade.

A proposta do grupo de intervenção surge como resposta a estas questões. Criando uma consolidação entre o homem e o natural. Pois este sendo um território muito sensível, qualquer intervenção deve ser pensada com extremo cuidado a paisagem natural existente bem como as pessoas que aqui residem.

O crescimento da cidade em conflito com os campos e com o mar levou o grupo a estabelecer o perímetro da cidade, propondo então a nova avenida com o intuito de limitar o crescimento da cidade para os campos agrícolas, protegendo-os. Para a frente mar prevê-se a renaturalização do sistema dunar de modo a prevenir o avanço do mar, e a sul com a realocação do campo de jogos para junto dos parques de campismo criar uma transição entre a cidade consolidada e a zona de praias.

A presença humana desde sempre foi o fator de desenvolvimento da Costa da Caparica. Vários povos, ao longo dos tempos, fixaram-se nestas terras quer para sustento, ou para lazer. Estes vieram, pela particularidade dunar que permitia a prática da Arte-Xávega, e pelas suas terras férteis que possibilitavam o sustento durante o ano todo. Os areais, de areias finas atraíam para veraneio a população lisboeta, e também a sua localização que tornava a Costa num local apropriado para a fixação de comunidades emigrantes. De um modo geral estes são os motivos pelos quais atualmente a Costa da Caparica verifica uma notável diversidade populacional.

Assim, a proposta do Centro Comunitário visa promover a diversidade populacional presente na Costa da Caparica possibilitando o diálogo Intercultural. Localizada frente aos campos agrícolas, vem estabelecer a transição, gerando um repouso entre a cidade e o campo, onde esse repouso cria um lugar de encontro para toda a comunidade. O centro comunitário é um momento para este encontro e reunião, este não sendo através da religião, mas sim de algo comum a todos, como a arte e a cultura, com a paisagem o cenário da mesma.

Ateliernob. Coletivo Warehouse. CATARINO, Ana. (2017). **Terras da Costa 2012–2017**. Lisboa: (no prelo).

AGRO FERREIRA, Manuel. (2007). **A Praia da Costa. Costa de Caparica**: Associação Gandaia.

CORREIA, Bárbara Calado. (2016). **(Re) Habitar as Terras** [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Arquitetura - Universidade de Lisboa.

COSTA, Pedro Campos. MOREIRA, Paulo (2013). **Noutra Costa Da Caparica**. Lisboa: Jornal Architectos. <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/noutra-costa-da-caparica/>

DOMINGUES, Álvaro - **Almada Um território em seis Ecologias**. Museu de Almada – Casa da cidade. 2020.

CUNHA, João Alves. (2018). **Arquitetura: Dez anos da igreja de Santo António, de Carrilho da Graça**.

FRANCO, Hugo. (2019). **Carta aberta contra o esquecimento do bairro de barracas que contrasta com o turismo da Caparica**. Expresso. <https://expresso.pt/dossies/diario/2019-11-15-Carta-aberta-contra-o-esquecimento-do-bairro-de-barracas-que-contrasta-com-o-turismo-da-Caparica>.

GOMES, Luísa Costa. (2018). **Da Costa, praias e montes da Caparica**. Lisboa: Fundação Francisco Manuel dos Santos e Luísa Costa Gomes.

HYGGS, Raul. (2001). A Nossa Costa. Costa da Caparica. Junta de Freguesia da Costa da Caparica.

LOURENÇO, Maria. (2017). - A prática artística como veículo de dinamização social e urbana. [Dissertação de mestrado]. Porto: Faculdade de Belas Artes da Faculdade do Porto.

PROGRAMA POLIS. (s.d). Viver a Costa de Caparica. Plano Estratégico: 2001. Disponível no website da Câmara Municipal de Almada.

ROCHA, Miguel Afonso. (2011). **Caso de estudo Polis Costa de Caparica** [Dissertação de mestrado]. Faculdade de Arqui-

Referências Bibliográficas

tetura - Universidade Técnica de Lisboa.

SALEMA, Isabel. (2015). **O betão encontrou o basalto e isso deu cinzento mais escuro**. Público. <https://www.publico.pt/2015/04/10/culturaipilon/noticia/o-betao-encontrou-o-basalto-e-isso-deu-cinzento-mais-escuro-1691575>

SALOMÃO, Ricardo. (2012). **O Povo das Dunas**. Colóquio Saberes Interculturais – Ambiente e Gentes do Litoral: Brasil, Moçambique e Portugal. Lisboa: Universidade Aberta.

SILVA, Francisco. (2014). **Costa Fronteira In Projeto Fronteiras Urbanas**. Fronteiras Urbanas - ensaios sobre a humanização do espaço. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa.

VARBANOVA, Lúcia. (2009). **Desenvolvimento e revitalização de comunidades rurais por meio da arte e da criatividade**: Europa.

VIEIRA, Álvaro Siza. (2020). **Imaginar a Evidência**. Lisboa: Edições 70.

TAVEIRA, Ricardo. (2013). **Transpraia - O Comboio da Caparica**. <https://www.transportes-xxi.net/tferroviario/exploracao/transpraia>

Referências de Vídeo

FRONTEIRAS URBANAS. (2014). **Fronteiras Urbanas - A dinâmica de encontros culturais na educação comunitária**. [Documentário].

MOUTINHO, Vera. (2014). **Terras da Costa, terras de ninguém**, Publico. [Reportagem].

PAIVA, Rui Almeida. (2014) - **A Ilha Invisível**. Portugal: Produção Externa Nacional - Renata Sancho, Rui Paiva. [Filme].

Figura 1 – Árvores de areia.

QUINTA. Luís, 2017, disponível em: <https://www.wilder.pt>

Figura 2 – Partida para a pesca. Arte Xávega.

Autor desconhecido, década de 1930, disponível em: <http://casacomum.org/cc/arquivos>

Figura 3 – Anúncio ao hotel da Praia do Sol.

AGRO FERREIRA, Manuel, década de 1934, A Praia do Sol (Caparica). Estância Balnear de cura, repouso e turismo. Costa de Caparica: Associação Gandaia, 2017.

Figura 4 – Pormenor da solução urbanista. Cassiano Branco,

Costa da Caparica. Praia Atlântico. 1930, disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 5 – Planta de Faria da Costa, Plano de Urbanização da Costa da Caparica.

1947, disponível em: <https://mar-da-costa.blogspot.com/>

Figura 6 – IC20. Futura A38 Via-Rápida da Costa da Caparica.

Autor desconhecido, 1969, disponível em: <https://mar-da-costa.blogspot.com/>

Figura 7 – A Praia do Sol. Alando a rede.

Autor desconhecido 1932, disponível em: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Figura 8 – As primitivas barracas dos pescadores.

Autor desconhecido, data desconhecida, disponível em: <https://mar-da-costa.blogspot.com/>

Figura 9 – Família de turistas.

PEREIRA. Arlindo, década de 1900, disponível em: <https://almada-virtual-museum.blogspot.com/>

Figura 10 – Casas dos banhistas.

Autor desconhecido, década de 1970, disponível em: <https://gandaia.info/>

Figura 11 – A duna, a linha e as casas.

RODRIGUES. Rita, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Índice de Figuras

Figura 12 – Vivências. A praia.

SILVA. Sofia, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 13 – Vivências. Rua dos Pescadores.

MACIEL. Inês Maciel, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 14 – A cidade e a duna.

MACIEL. Inês, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 15 – Delimitação das parcelas de trabalho.

Ortofoto (modificada pelo autor), 2021, Imagem captada através Google Earth.

Figura 16 – Parques de campismos Costa da Caparica.

Autor desconhecido, 2001, disponível em: <https://almda2016.wordpress.com/>

Figura 17 – Transpraia.

Autor desconhecido, 1960, disponível em: <https://restosdecoleccion.blogspot.com/>

Figura 18 – Contrastes.

SILVESTRE. Rodrigo, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 19 – Alçado do Mercado das Terras da Costa.

Grupo de Intervenção, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 20 – Torres das Argolas.

Fotografia do autor, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 21 – IC20. Estrada que liga a Costa da Caparica à Ponte sobre o Tejo.

BASTOS. Arthur, data desconhecida, disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 22 – Plano Entre o Mar e a Terra.

Grupo de Intervenção, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 23 – O bairro das Terras do Lelo, entre a arriba fósil e a muralha imobiliária.

VINAGRE. Valter, 2013, disponível em: <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/>

Figura 24 – Cabanas de colmo.

Autor desconhecido, data desconhecida, disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 25 – Construções típicas de pescadores.

LIMA. Alberto, 1910, disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Figura 26 e 27 – Formas construídas no bairro das Terras do Lelo.

VINAGRE. Valter, 2013, disponível em: <http://arquivo2.jornalarquitectos.pt/>

Figura 28 – Capa do workshop Noutra Costa.

2012, disponível em: <https://josecastrocaldas.com/>

Figura 29 e 30 – Vivências. Cozinha Comunitária.

GUERRA. Fernando, 2014, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 31 – Construção da Cozinha Comunitária.

BOCHE. Sam, 2014, disponível em: <http://warehouse.pt/>

Figura 32 – Posição. Cozinha Comunitária.

GUERRA. Fernando, 2014, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 33 – As texturas da barraca e da Arriba.

PARCELAS. João, 2020, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 34 – Anfiteatro. Jardim da Gulbenkian.

Fotografia do autor, 2021, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Figura 35 – Natural e o Construído. Jardim da Gulbenkian.

Fotografia do autor, 2021, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Índice de Figuras

Figura 36 – Desenho da intervenção sobre a pré-existência. Ortofoto (modificada pelo autor), 2021, Imagem captada através Google Earth.

Figura 37 – Fachada Norte. CAMPOS. Jose, 2015, disponível em: <https://josecampos-photographer.com/>

Figura 38 – Átrio exterior. CAMPOS. Jose, 2015, disponível em: <https://josecampos-photographer.com/>

Figura 39 – Praça da entrada. CAMPOS. Jose, 2015, disponível em: <https://josecampos-photographer.com/>

Figura 40 – Espaço performativo. CAMPOS. Jose, 2015, disponível em: <https://josecampos-photographer.com/>

Figura 41 – Centro Comunitário. GUERRA. Feranado, 2008, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 42 – Adro. GUERRA. Feranado, 2008, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 43 – Pórtico de entrada. GUERRA. Feranado, 2008, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 44 – O cenário da rocha por trás do altar. GUERRA. Feranado, 2008, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 45 – Galeria. GUERRA. Feranado, 2008, disponível em: <http://ultimasreportagens.com/>

Figura 46 – Corte Longitudinal. 2008, Desenho disponível em: www.archdaily.com

Figura 47 – Perspetiva total. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 48 – Axonometria Explodida. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 49 – Planta do piso térreo. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 50 – Corte 2. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 51 – Vista da Varanda. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 52 – Corte 1. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 53 – Corte Construtivo. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Figura 54 – Axonometria da Estrutura. Desenho do autor, 2021, Desenho produzido no âmbito de PFA.

Índice de Figuras

Anexo 1 – Atlas Costa da Caparica.

Fotografias do autor, 2021, Imagens produzidas no âmbito de PFA.

Anexo 2 – Pormenor da solução urbanista Cassiano Branco, Costa da Caparica. Praia Atlântico.

1930, disponível em: <https://arquivomunicipal3.cm-lisboa.pt/X-arqWEB/>

Anexo 3 – Esquema das Grandes Artérias.

Plano de Urbanização de Conselho de Almada, 1947, disponível em: Revista de Arquitectura março 1947, pp. 7.

Anexo 4 – Perfis Transversais tipo.

Plano de Urbanização de Conselho de Almada, 1947, disponível em: Revista de Arquitectura março 1947, pp. 7.

Anexo 5 – Perfis Transversais tipo.

Plano de Urbanização de Conselho de Almada, 1947, disponível em: Revista de Arquitectura março 1947, pp. 10.

Anexo 6 – Bairro de Casas para Pescadores da Costa da Caparica.

FARIA DA COSTA. João Guilherme, 1946-1949, SIPA/IHRU.

Anexo 7 – Bairro de Casas para Pescadores da Costa da Caparica - planta do piso 0 e corte transversal - tipo 2.

FARIA DA COSTA. João Guilherme, 1946-1949, SIPA/IHRU.

Anexo 8 – Programa Polis. Identificação dos Planos de Pormenor.

ROCHA. Miguel, 2011, Caso de estudo Polis Costa da Caparica pp. 68.

Anexo 9 – Programa Polis. Plano de Pormenor do Parque Urbano (PP2).

2001, disponível em: <https://www.cm-almada.pt/>

Anexo 10 – Programa Polis. Plano de Pormenor das Praias Urbanas (PP1).

2001, disponível em: <https://www.cm-almada.pt/>

Anexo 11 – Programa Polis. Esquício Plano de Pormenor da Frente Urbana e Rural Nascente (PP4).

MVCC, 2002, disponível em: <https://www.mvcc.pt/pt/project/plano-de-pormenor-da-frente-urbana-e-rural-nascente-da-costa-da-caparica>

Anexo 12 – Programa Polis. Estudo do Plano de Pormenor da Frente Urbana e Rural Nascente (PP4).

MVCC, 2002, disponível em: <https://www.mvcc.pt/pt/project/plano-de-pormenor-da-frente-urbana-e-rural-nascente-da-costa-da-caparica>

Anexo 13 – Passeio lúdico frente ao campo. Av. Lelo Martins.

Grupo de Intervenção, 2021. Desenho produzido no âmbito de PFA.

Anexo 14 – Ponto de Venda.

Grupo de Intervenção, 2021. Desenho produzido no âmbito de PFA.

Anexo 15 – Corte do Ponto de Venda.

Grupo de Intervenção, 2021. Desenho produzido no âmbito de PFA.

Anexo 16 – Planta da intervenção das torres das argolas.

Grupo de Intervenção, 2021. Desenho produzido no âmbito de PFA.

Anexo 17 – Pré-intervenção das torres das argolas. Corte 1.

Grupo de Intervenção, 2021. Desenho produzido no âmbito de PFA.

Anexo 18 – Pós-intervenção das torres das argolas. Corte 1.

Grupo de Intervenção, 2021. Desenho produzido no âmbito de PFA.

Anexo 19 – Fotomontagem intervenção no embasamento das torres das argolas.

Grupo de Intervenção, 2021, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Índice de Figuras

Anexo 20 – Intervenção no antigo terminal rodoviário, Corte 2.
Grupo de Intervenção, 2021, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Anexo 21 – Espinha da cidade.
Grupo de Intervenção, 2021, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Anexo 22 e 23 – Estudo dos pontos elevatórios.
Grupo de Intervenção, 2021, Imagem produzida no âmbito de PFA.

Anexo 24 – Cozinha Comunitária. Estrutura.
Coletivo Warehouse + Ateliernob, 2014, disponível em : <http://warehouse.pt/>

Anexo 25 – Planta da Cozinha Comunitária.
Coletivo Warehouse + Ateliernob, 2014, disponível em <https://www.archdaily.com/>

Anexo 26 – Alçados da Cozinha Comunitária.
Coletivo Warehouse + Ateliernob, 2014, disponível em : <https://www.archdaily.com/>

Anexo 27,28,29 e 30 – Maquete de estudo escala 1/1000.
Fotografias do autor, 2021, Maquetes produzidas no âmbito de PFA.

Anexo 31,32,33 e 34 – Maquete de estudo escala 1/200.
Fotografias do autor, 2021, Maquetes produzidas no âmbito de PFA.

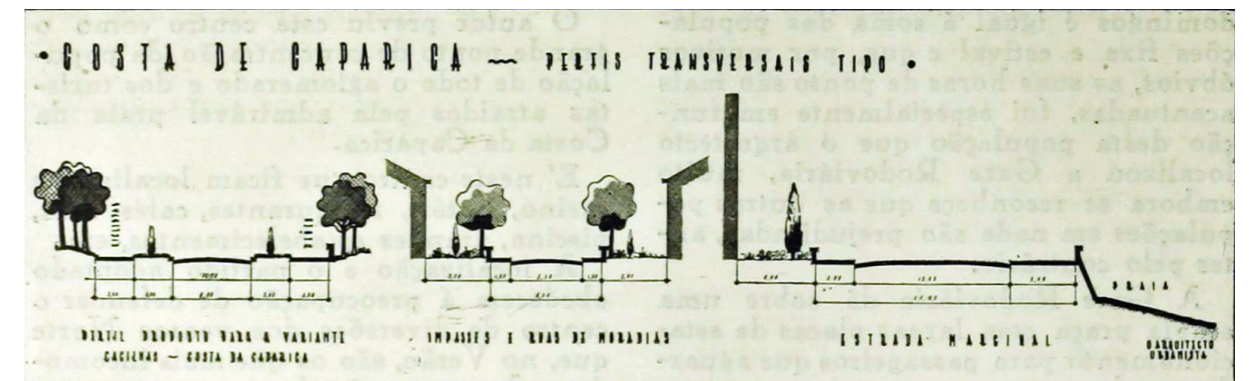
1. Atlas da Costa da Caparica.



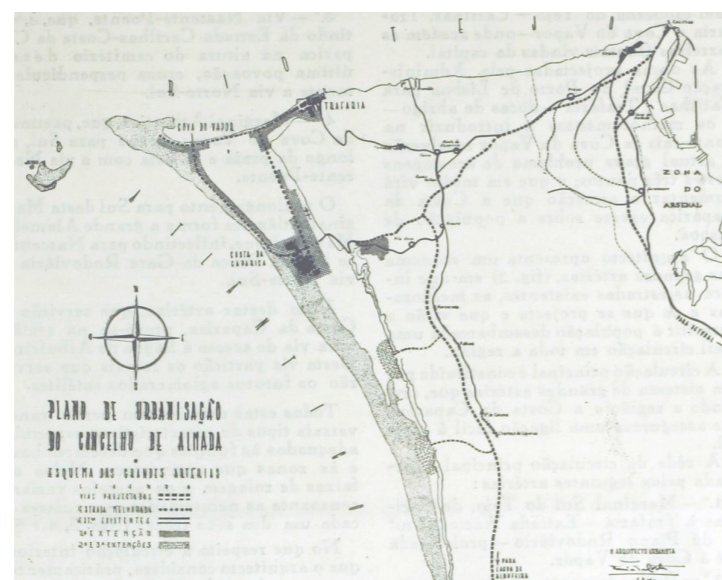
Anexos



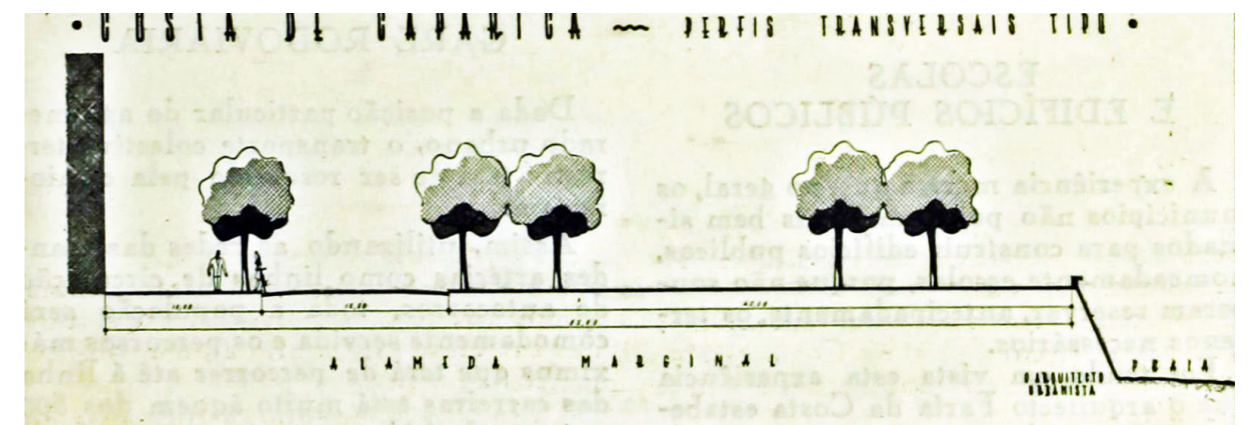
2. Costa da Caparica Praia Atlântico Pormenor da Solução Urbanista, Cassiano Branco, 1930.



4. Perfis Transversais tipo, Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Faria da Costa, 1947.

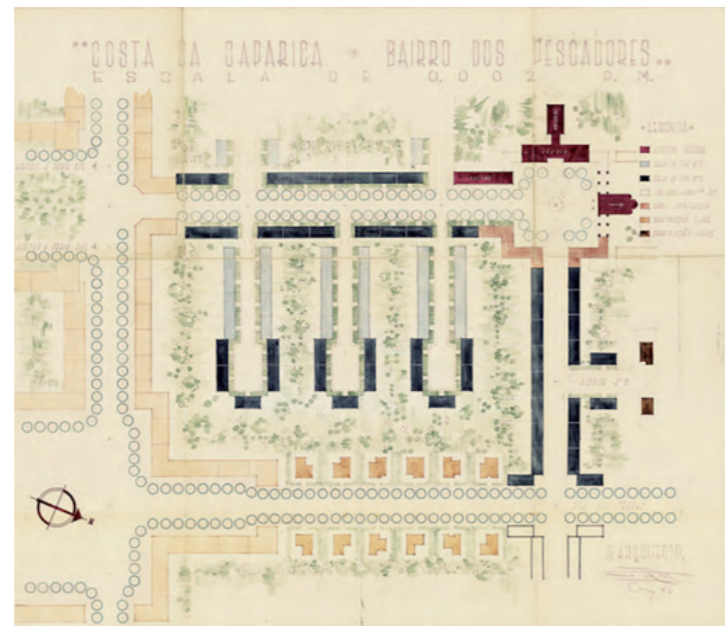


3. Esquema das Grandes Artérias, Plano de Urbanização de Conselho de Almada, 1947.

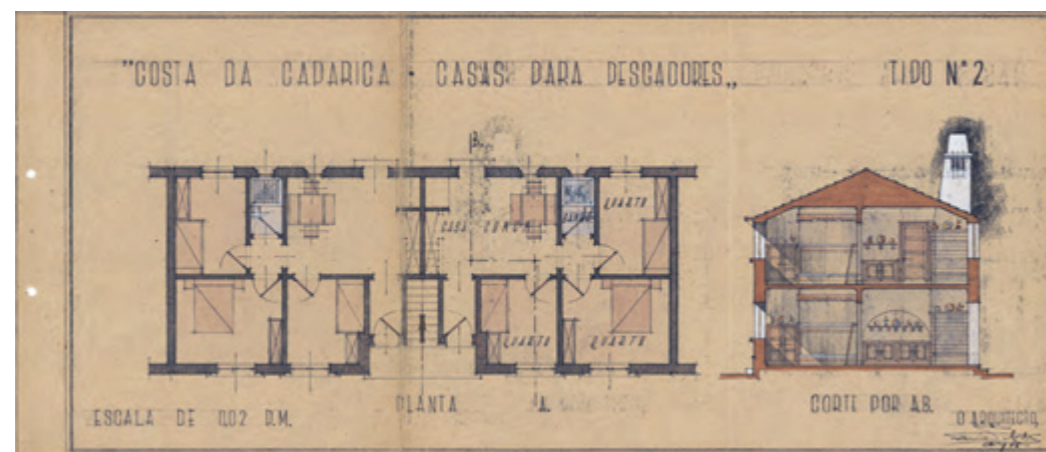


5. Perfis Transversais tipo, Plano de Urbanização da Costa da Caparica, Faria da Costa, 1947.

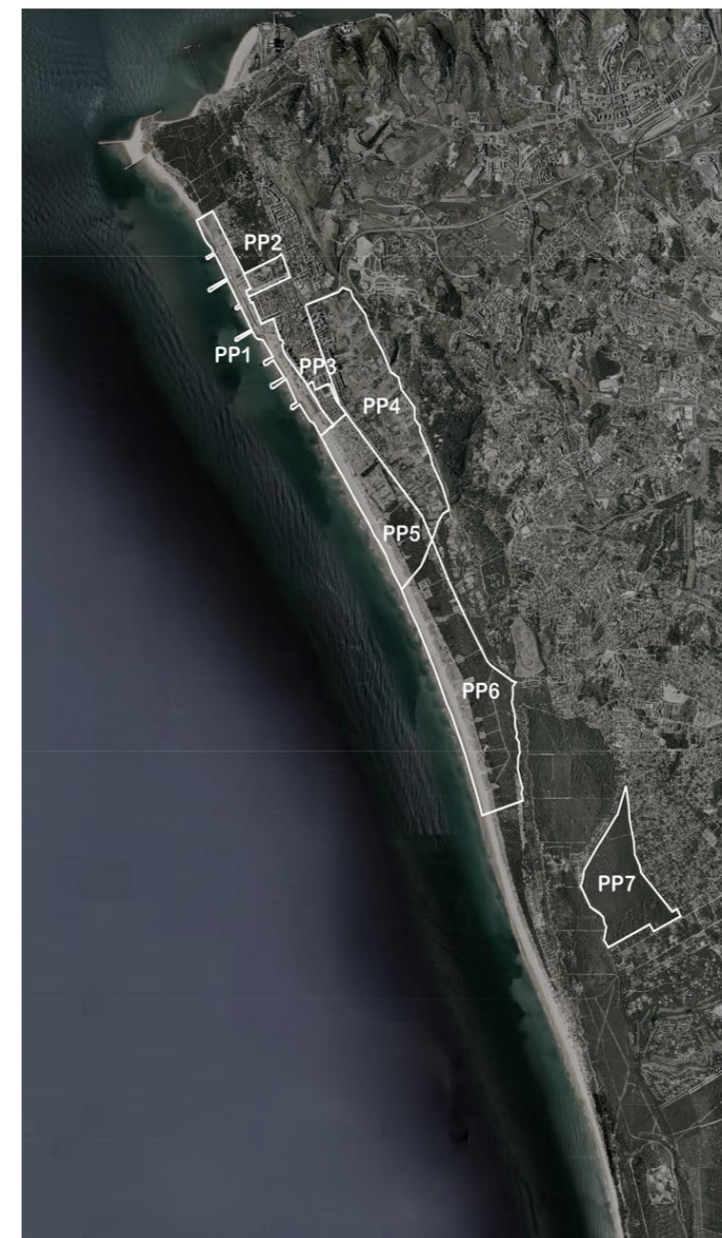
Anexos



6. Bairro de Casas para Pescadores de Costa da Caparica, Faria da Costa, 1946.

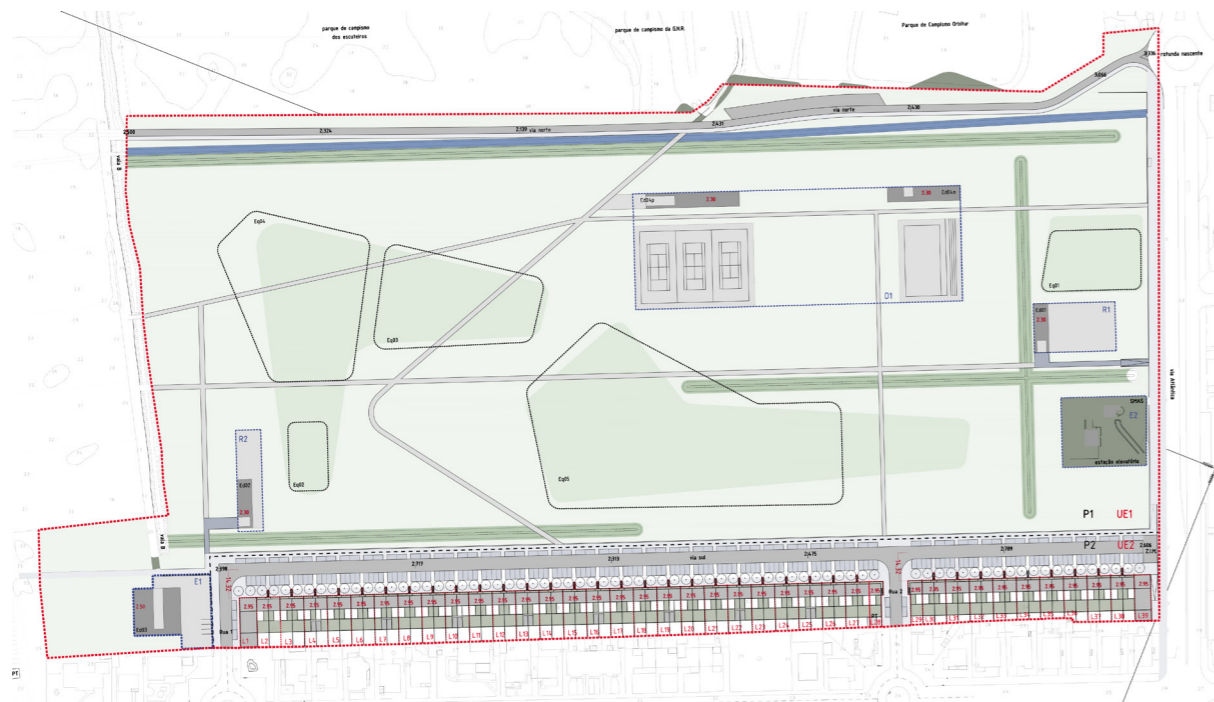


7. Bairro de Casas para Pescadores de Costa da Caparica - planta do piso 0 e corte transversal- tipo 2, Faria da Costa, 1946.

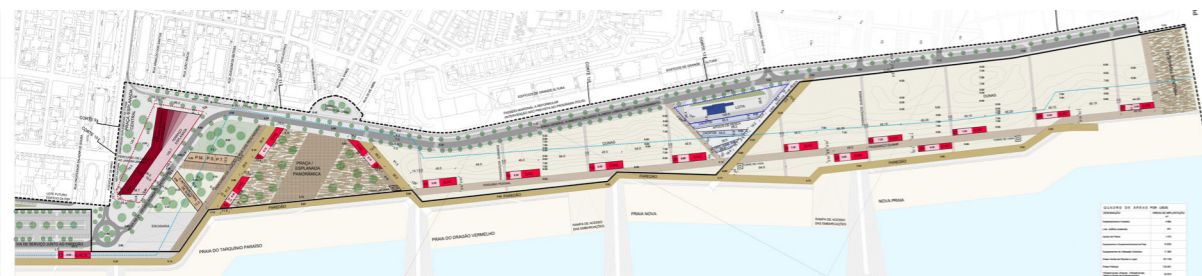


8. Programa Polis. Identificação dos Planos de Pormenor.

Anexos



9. Programa Polis. Plano de Pormenor do Parque Urbano (PP2).



10. Programa Polis. Plano Pormenor das Praias Urbanas (PP1).



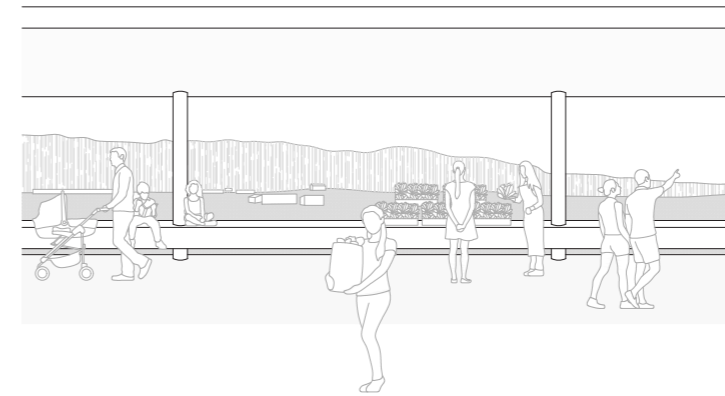
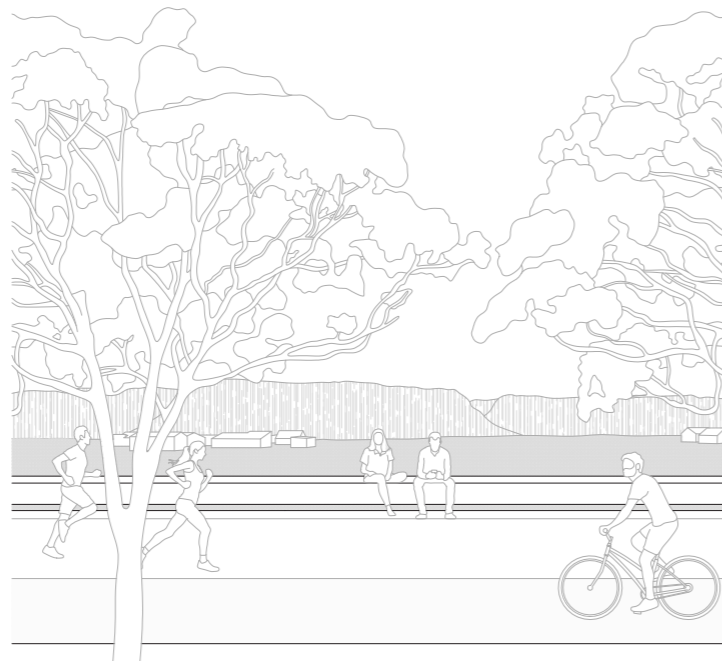
11. Programa Polis. Esquízo do Plano de Pormenor da Frente Urbana e Rural Nascente (PP4), MVCC, 2002.



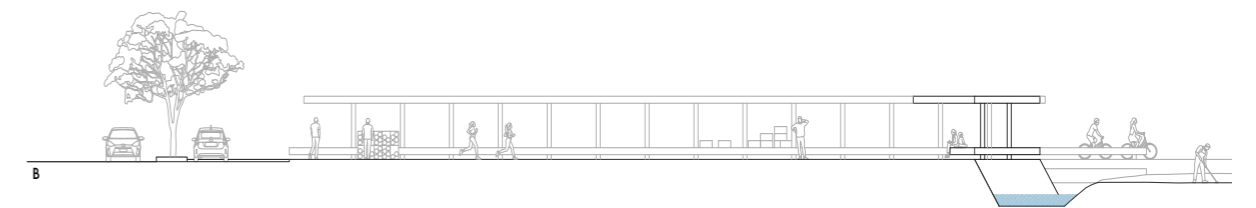
12. Programa Polis. Estudo do Plano de Pormenor da Frente Urbana e Rural Nascente (PP4), MVCC,2002.

Anexos

13. Passeio lúdico frente ao campo. Av. Lelo Martins.
Intervenção de grupo



14. Ponto de Venda, Intervenção de grupo.

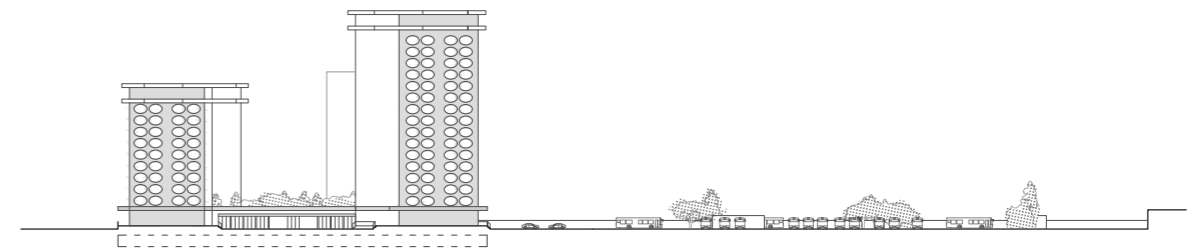


15. Corte do Ponto de Venda, Intervenção de grupo.

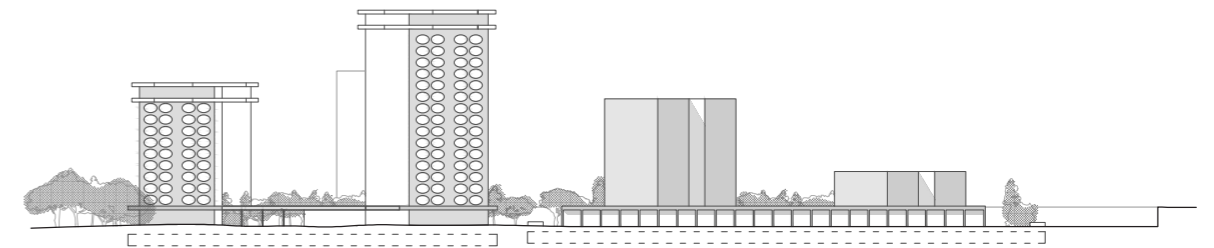
Anexos



16. Planta da intervenção das Torres das Argolas.

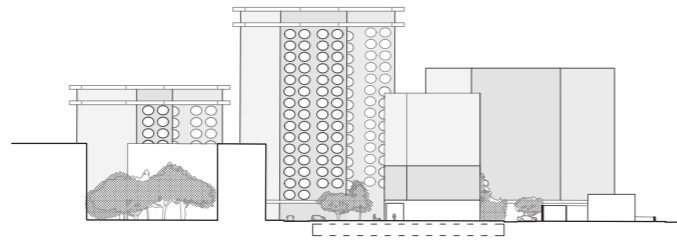


17. Pré-intervenção das Torre das Argolas, Corte 1.



18. Pós-intervenção das Torre das Argolas, Corte 1.

Anexos



19. Intervenção no antigo terminal rodoviário, Corte 2.



20. Fotomontagem da Intervenção no embasamento das Torres das Argolas.



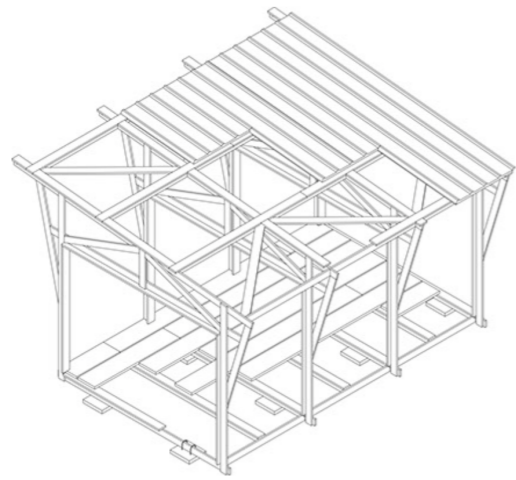
22. A espinha da cidade.

Anexos

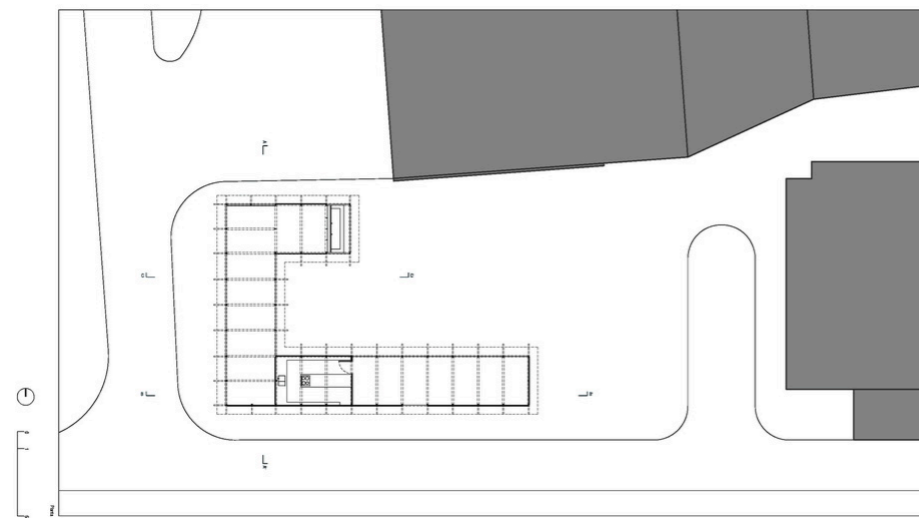


21 e 22. Estudo dos pontos elevatórios. argolas, Fotomontagem.

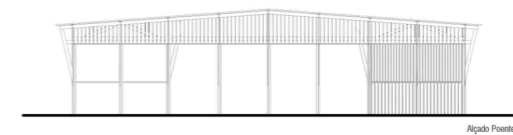
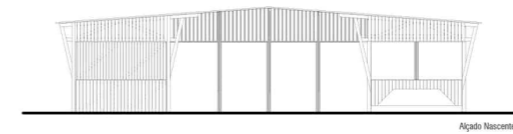
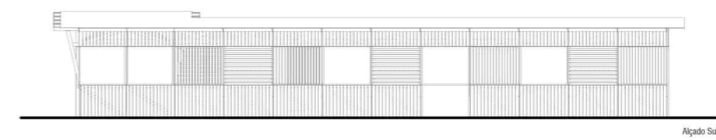
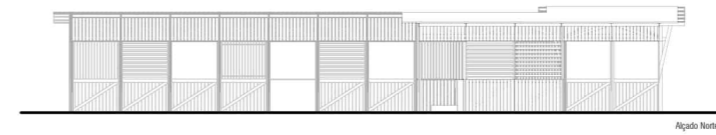
Anexos



23. Cozinha Comunitária. Estrutura, Coletivo Warehouse + Ateliermob.

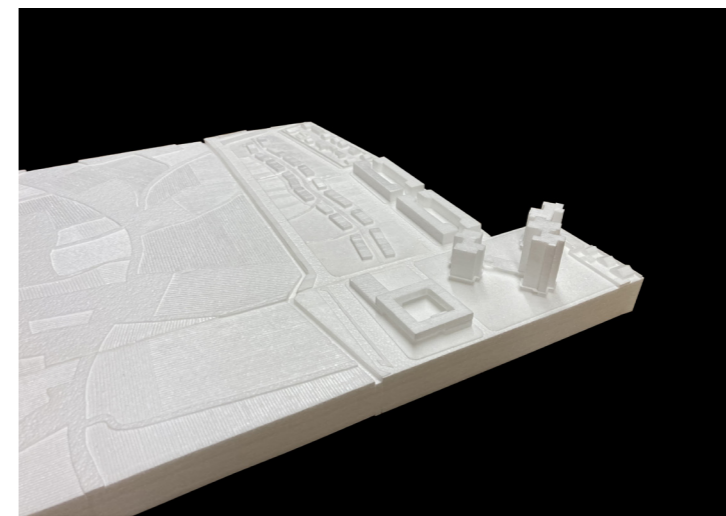
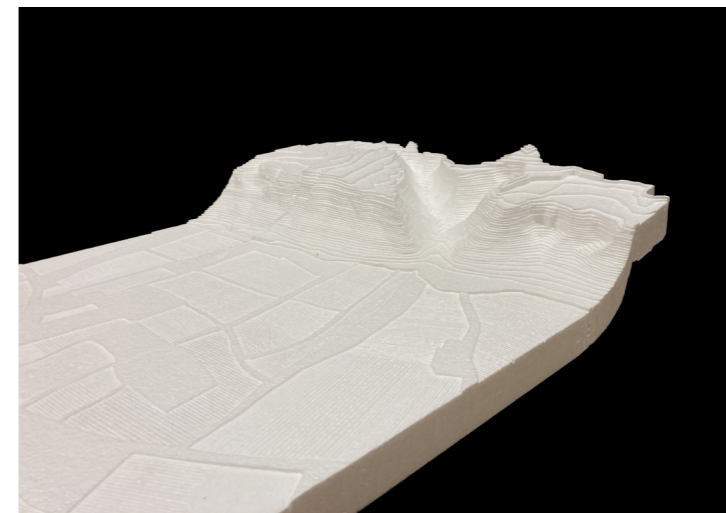
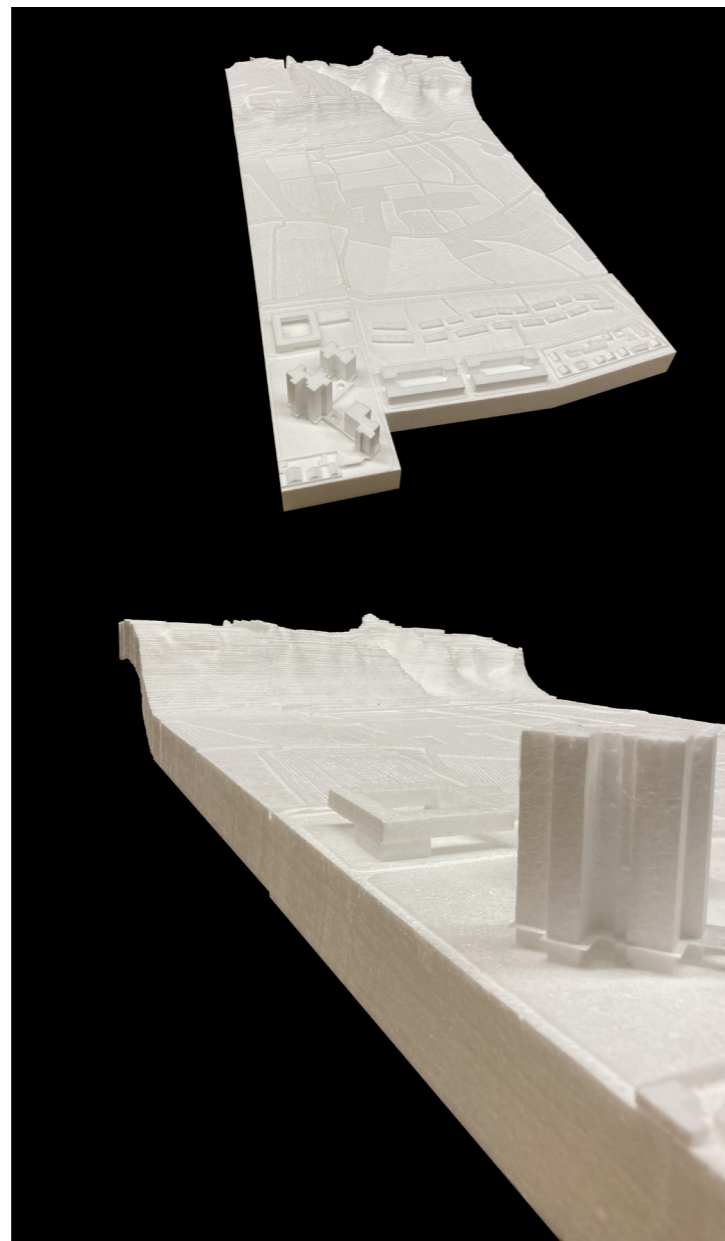


24. Planta da Cozinha Comunitária, Coletivo Warehouse + Ateliermob, 2014.



25. Alçados da Cozinha Comunitária, Coletivo Warehouse + Ateliermob.

Anexos



Anexos

